



# OS 2 RIOS

UM DIALOGO ENTRE  
JUVENITUDES  
E PROJETOS SOCIAIS







O projeto Publicação Juventudes foi organizado pela FLD em comemoração aos seus 10 anos de existência. É composto pelo livro “Os 2 Rios - Um Diálogo entre Juventudes e Projetos Sociais”, junto com o vídeo “ Histórias de Protagonismo Juvenil”.

*Primavera de 2010*

Realização:



Parceria:



Apoio:





## EXPEDIENTE

Coordenação do projeto Publicação Juventudes:

**Marilu Nörnberg Menezes**

Organização e edição dos textos:

**Bibiana Paiva Nunes**

Projeto gráfico:

**Jackson Brum**

Apoio:

**Susanne Buchweitz**

## FLD

Secretário executivo

Carlos Gilberto Bock

Diretoria executiva

Presidente: Carlos Hopper,

Silvana Andrade Pena Knupp e Marliza

Melaine Schwingel, vogais

Conselho Deliberativo

Presidente: Mathias Alberto Möller

Vice-presidente: Valmi Becker

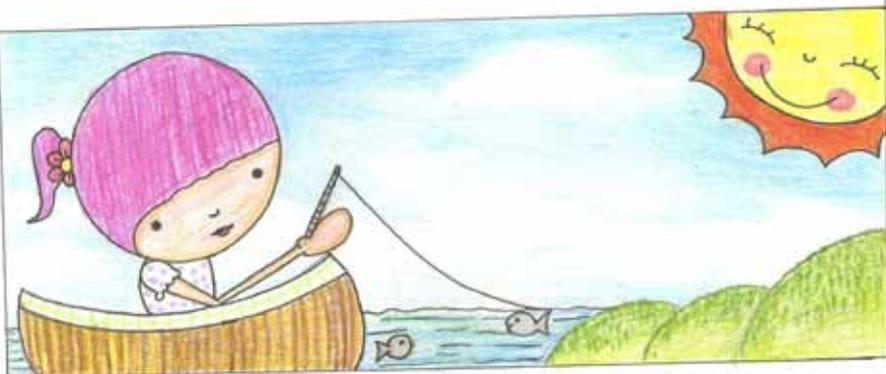


# a apresentação

A provocação que resultou nesse livro veio da relação da Fundação Luterana de Diaconia (FLD) com grupos sociais de jovens que enfrentam duras realidades de violência e exclusão. É impossível manter uma convivência sem ser tocado pela sua coragem, angústia, alegria e força, e pela sua compreensão do significado de “bem maior”. Nas atividades, o que conta é o grupo e a comunidade que o envolve, e não o interesse individual daqueles que têm mais e querem sempre mais.

A idéia motivadora foi mostrar e sistematizar experiências desenvolvidas por jovens-com-jovens, preenchendo uma lacuna em termos de registros formais do que está sendo feito pelas juventudes na área de projetos sociais.

Chamados para conversar, representantes de dez grupos parceiros de Porto Alegre e da grande Porto Alegre (RS) participaram de um – primeiro – encontro para discutir a idéia. Além do livro, a proposta incluiu a criação de um vídeo, com a mesma perspectiva. Quatro conceitos chave deveriam nortear os relatos: protagonismo, mudança, rede e políticas públicas.



A parceria da FLD com a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) permitiu ampliar o universo geográfico das experiências, resultando em uma interlocução de grupos do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. A FASE, convidada pela FLD, relacionou dez grupos para participarem do projeto, e o processo correu paralelo, em parceria, nos “dois Rios”, com momentos de troca de informações e de ajustes da proposta.

Os textos aqui apresentados, produzidos e assinados pelos grupos, mostram um agudo senso crítico – “mas jovens têm isso?”, perguntariam alguns – com relação à sociedade e, ao mesmo tempo, a construção propositiva de saídas. A mídia é excludente e passiva? A resposta é uma produção comunitária de comunicação. Os movimentos culturais caducaram? O graffiti traz um fôlego novo e diferente. Ter um emprego exige uma formação inacessível? Em diferentes oficinas, quem aprendeu ensina quem não sabe.

É gratificante ver o que gestos de confiança concedidos e recebidos fazem em termos de resultados e de construção da autoestima. Assim, este livro é um testemunho da força de uma brava gente jovem brasileira colocada contra a parede por um sistema injusto – mas que muda sua história com ações e respostas bem claras e transformadoras.

Ao convidar para a leitura, fazemos também um convite para acreditar e participar. As histórias deste livro foram possíveis porque houve quem as apoiasse. Mais ainda pode ser feito com maior colaboração e participação. Vamos somar forças para que outros projetos sejam apoiados, permitindo que mais e novas histórias sejam contadas, tão significativas quanto as que encontramos a seguir.

*Carlos Gilberto Bock*  
*Secretário Executivo*  
*Fundação Luterana de Diaconia*



**05/Apresentação**

**09/Juventude Dois dos Rios**

*- Um convite às narrativas de si e do outro*

**15/Grupos RJ**

**16/Grupos RS**

**17/FERES**

**21/Trilha Cidadã**

**25/Boca de Rua**

**29/Arte em Conjunto**

**33/Arte Feito**

**37/Arte Jovem Brasileira**

# sumário



**41/Ong Circulando Informação e Arte Urbana**

**45/Enraizados**

**49/Ksulo**

**53/Instituto Raizes em Movimento**

**57/Centro Cultural A História que eu Conto**

**61/Grupo Cultural Cochicho na Coxia**

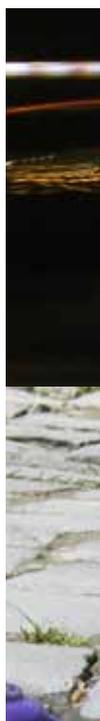
**65/Anti Cinema**

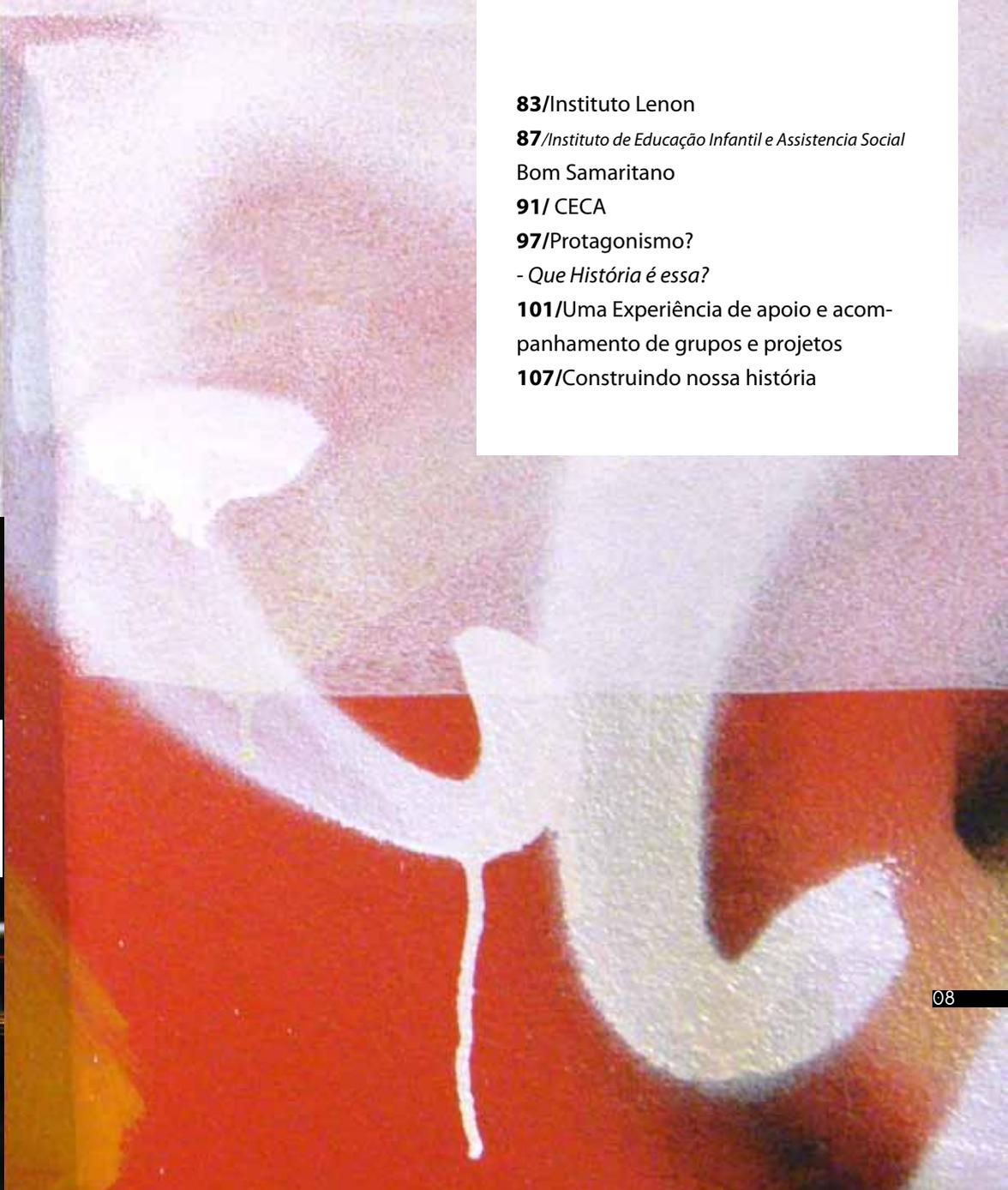
**69/Griôts**

**73/Maria Mulher: *Organização de Mulheres Negras***

**77/Movimento de Consciência Negra Palmares**

**79/Grupo Conexão G**





**83/**Instituto Lenon

**87/***Instituto de Educação Infantil e Assistência Social*  
Bom Samaritano

**91/** CECA

**97/**Protagonismo?

- *Que História é essa?*

**101/**Uma Experiência de apoio e acompanhamento de grupos e projetos

**107/**Construindo nossa história

# Juventudes dos dois Rios: Um convite às narrativas de si e do outro

“Priorizar as temáticas das juventudes”, na área de Educação Popular, foi uma das principais ações da FLD no triênio 2008-2010.

O apoio aos projetos que priorizam juventudes buscou, entre outros aspectos, problematizar a relação das instituições e dos jovens, suas propostas para atuar com as potencialidades de outros jovens e crianças, bem como coletivos e redes juvenis que incentivassem o protagonismo e o fortalecimento das intervenções nas agendas de políticas públicas.

Nessa perspectiva, ao invés de respostas, emergem inúmeras perguntas, entre elas: Como os jovens, suas alianças, redes e movimentos juvenis estão construindo demandas e como essas interferem na elaboração de direitos e incidem nas agendas de políticas públicas?

A metodologia de acompanhamento dos projetos de juventudes vem sendo construída no processo de elaboração, planejamento, gestão, sistematização e, nesse momento, na publicação deste livro e do audiovisual, ambos produzidos com jovens que contam suas experiências na gestão de projetos sociais.

Numa iniciativa da FLD que, desde 2005, realiza acompanhamentos coletivos, foram propostos encontros temáticos com coordenadores de projetos de e com jovens, primeiramente, com intervenção na cidade de Porto Alegre. Trata-se de uma forma diferenciada de acompanhamento que propõem reunir projetos por temáticas e/ou regiões afins e, desse modo, possibilitar a criação e o fortalecimento de metodologias de trabalho em rede.

Em 2008, realizamos o primeiro desses encontros onde foram convidados sete projetos e, no ano seguinte, ampliou-se a participação para dez projetos, sendo dois deles da cidade de São Leopoldo. Os encontros foram realizados

D EUS





com o objetivo de criar espaços de conversação e trocas de experiências compartilhando potencialidades, dificuldades e, em especial, problematizando perguntas e lançando perspectivas.

Nesses encontros convidamos Cléia José de Oliveira, coordenadora da FASE-SAAP, organização parceira na Articulação de Projetos que tem uma larga e reconhecida experiência de apoio aos movimentos, organizações e coletivos de jovens, no Rio de Janeiro.

Nas conversações entre as organizações promotoras – ambas com demandas de sistematizar as experiências de apoio e acompanhamento aos projetos de juventudes – surge a proposição de apresentarem um convite às organizações e coletivos de jovens para a elaboração conjunta de um livro e um audiovisual.

Pensando a sistematização das experiências como um processo de criação e, posterior, produção de um livro e um audiovisual, sugere-se alguns temas norteadores para análise dos projetos: Protagonismo – o que entendemos por protagonismo e como acontece em nossos projetos? Rede – trabalho de redes/alianças nos projetos e entre os coletivos; Mudanças: O que muda na vida dos jovens que participam dos projetos e quais as mudanças do projeto em si, tanto no âmbito da organização como da comunidade; Políticas Públicas: Os projetos incidem em políticas públicas? Como? Onde? Quais as experiências dos coletivos? O convite foi realizado com a promoção de um amplo debate, onde os coletivos afirmaram o desejo de participar, sendo que alguns optaram por participar somente de um dos dispositivos. Nos meses seguintes, foram realizados encontros e oficinas de produção de texto e audiovisual com a participação de um conjunto de vinte projetos, sendo dez apoiados pela FLD, no Rio Grande do Sul e, os outros dez, apoiados pela FASE-SAAP, no Estado do Rio de Janeiro. Para a realização das primeiras oficinas foram convidados os educadores Clarisse Abrahão, Rosina Duarte e Tiago Greff coordenadores de projetos. Posteriormente, foram contratadas as jornalistas Bibiana Paiva Nunes e Mirela Kruehl que, inclusive, realizaram encontros e oficinas com os projetos do Rio de Janeiro. Todos – convidados e contratados - com

ampla experiência na construção coletiva de conhecimento com diferentes linguagens e tecnologias. No Rio de Janeiro, também se contou com o apoio do assessor da Fase, Aécio de Oliveira, no auxílio da escrita final dos grupos.

Os projetos de juventudes trazem diferenciações em se tratando das formas de organização – Movimentos, Redes, ONGs, Coletivos de jovens, bem como nas temáticas e demandas geopolíticas e culturais. E, ao mesmo tempo, afinidades nos modos de atuar afirmando a capacidade de construção coletiva, bem como a vitalidade comunicacional e cultural das comunidades cariocas e gaúchas. Nesses projetos as propostas de trabalho valorizam as experiências juvenis com a educação e comunicação popular, a cultura e a cidadania. Os coletivos convidados demonstraram sensibilidade e capacidade de acompanhar, planejar e avaliar jovens e crianças capacitando-os em distintas e múltiplas áreas de criação e produção de conhecimentos, bem como despertando o desejo de serem multiplicadores de cultura, educação, comunicação popular e cidadania. Os projetos também sugerem contribuições para a formação e capacitação de jovens gestores de seus projetos pessoais e comunitários.

Ao considerarmos os distintos movimentos e organizações juvenis onde os jovens – vistos como atores sociais e políticos – constroem alianças e formas de atuação em rede, evidenciamos intervenções que reatualizam e, inclusive, em alguns casos, inovam práticas e demandas por políticas públicas “com” e “de” jovens. Circunstâncias que parecem afirmar a necessidade de encontrarmos outros modos de ver e ouvir as necessidades e os desejos destes “novos atores sociais”. Protagonismo que pode (no sentido de potência) estar redesenhando as análises que constatavam uma apatia e conformidade da condição juvenil com o seu tempo.

Deisimer Gorczewski

Assessora de Projetos da FLD (2007-2009)

peres Trilha Sidar  
arte em conjunto arte  
engenharia da bem de  
kapala razez em cor  
entocultural historia que  
gruets matha mulher no  
stituto Leon Grupolo  
com samaritan

de la casa de la



Queremos mostrar coisas importantes sobre nós, falar um pouco de cada um, nossas histórias, processos de organização e desenvolvimento: Histórias que contribuam para a construção de novas histórias, coletivas e diversificadas que promovam o protagonismo juvenil e cultural.

Viabilizar ações, multiplicar ideias e trocar experiências através de redes sociais, que venham fortalecer novos grupos, atores sociais e culturais. Além disso, discutir a formação cidadã que é imprescindível para a construção de novas possibilidades de inserção na sociedade, criando uma perspectiva de vida diferenciada da atual.

Construir novas possibilidades é um grande desafio. Fazer valer a diversidade cultural brasileira e o ponto de vista de cada um, que resulte em projetos de vida e referências, onde a juventude, uma vez empoderada, protagonize a construção de políticas públicas, contribuindo para uma sociedade mais justa e democrática, é o que perseguimos.

Irradie estas ideias!

# GRUPOS **rs**

Atualizar a sociedade, falar sobre o jovem, parece ser uma tarefa um tanto difícil. No entanto, compreender as angústias e desejos pode ser um norte para os educadores e educadoras populares. Proporcionando espaços que promovam a integração entre os diferentes atores e redes sociais.

O protagonismo juvenil em rede culmina na construção de ações concretas em campos como o de cultura, comunicação e geração de renda. Para isso é preciso iniciar, mesmo com nossas limitações, precisamos tentar junto àquelas pessoas mais próximas de nós. Com esperança de, com a luta popular, desenvolver uma postura de transformação do cotidiano a partir do trabalho contínuo na área da educação para a cidadania.

Dentro de todos esses anseios aqui apresentados, desejamos com as partilhas de diferentes trabalhos junto às juventudes, mostrar o quanto a construção de Um Outro Mundo Possível já começou e está em Nossas Mãos dar continuidade.

Boa Leitura.



# FERES



## Nós da Mídia e os nós do preconceito

Nós somos um grupo de meninas e de meninos que se conheceram na Escola e se aproximaram porque ***tínhamos ideias e problemas parecidos.*** Quase todos nós, que estamos hoje no projeto Nós da Mídia, como muitos outros jovens da Restinga, achávamos que a Escola era difícil demais e sempre tínhamos mui-



tas dificuldades de comportamento. Quando o Fórum de Educação da Restinga começou a existir, vieram crianças e jovens de todas as escolas da Restinga participar das atividades que fazíamos na Velha e isso foi muito bom, porque lá sempre foi considerado o lugar dos ruins e da violência. Sempre discutimos isso e achamos que acontece porque na Restinga Velha as pessoas são mais pobres e a pobreza traz violência e preconceito para uma comunidade. *O preconceito com a pobreza atinge muitas pessoas*, mas existem outros tipos de preconceitos que também são graves e tornam a vida dos discriminados muito difícil: contra os negros, contra os *gueis* e as lésbicas, contra as mulheres, contra

peças com necessidades especiais e até contra os “emos”. No nosso grupo há pessoas negras, há mulheres, há pessoas especiais e há pessoas que namoram pessoas do mesmo sexo, por isso temos muita experiência nestes assuntos e achamos que as nossas ideias podem ajudar a diminuir o preconceito. Hoje em dia, as pessoas têm vergonha de admitir que são preconceituosas e até as novelas falam sobre esses problemas, então fica um pouco melhor para reclamarmos quando nos sentimos discriminados. Mesmo assim, o preconceito ainda é forte em todos os lugares e quase a metade das pessoas do nosso grupo já saiu da Escola porque não se sentia bem. Muitos tentaram voltar e hoje só uma pessoa não está estudando, mas está fazendo o projeto Nós da Mídia, e vai aprender a ser educadora popular para trabalhar com esses assuntos e ajudar a mudar essa situação.

O grupo Nós da Mídia surgiu no ano de 2009, quando um grupo de jovens do Fórum de Educação da Restinga (FERES) participou de um projeto apoiado pela Fundação Luterana de Diaconia, chamado Comunico, Logo, Existo. Muitos educadores e grupos do FERES ajudaram nesse trabalho, como a ONG Circulando Informação e Arte Urbana, a Associação Software Livre, a TV Nãgô e a ONG Um Novo Olhar, que enviou o projeto à Fundação. O FERES existe desde o ano de 2001 e trabalha com crianças, jovens e adultos da Restinga e Extremo Sul, principalmente com assuntos de comunicação, de gêneros, de etnias e de direitos da criança e do adolescente e há jovens, como nós, que fazem parte deste trabalho desde o começo.

## Nós somos uma rede trabalhando juntos,

cada um fazendo o que sabe e nos unindo para as nossas ações. Existe protagonismo jovem porque também somos educadores nas atividades e participamos de decisões das propostas de trabalhos. A maior mudança que sentimos acontece quando fazemos coberturas de festas das escolas, pois antes, éramos só alunos e muitos de nós tínhamos muitos problemas escolares, ***mas agora somos recebidos como comunicadores populares.***



## porque temos muitos grupos

Texto elaborado coletivamente pelos jovens Sheila Pereira, Taís Eggos, Shaiane Pereira, Marcos Vinícius da Costa, João Lima, Kátia de Oliveira e Gabriela Lima a partir de discussões com os educadores Alessandra Maria Bohm, Beatriz Vergara, Clárisse de Lima Abrahão e Marcos Aurélio Fernandes.

Oficina de texto: Clárisse Abrahão e Paulo Albert Ressorori

# Trilha Cidadã

## A Associação de Promoção Humana e Cidadania Juvenil

### *ONG Trilha Cidadã* é uma associa-

ção sem fins lucrativos, gestada, criada e dirigida por militantes da Pastoral da Juventude. Sua instituição, enquanto Organização Não-Governamental foi oficializada no dia 21 de fevereiro de 2006 e desde sua fundação, se apresenta atuante na promoção da cidadania humana, junto aos jovens de São Leopoldo, principalmente dos que residem na região do Bairro Arroio da Manteiga e jovens atuantes nas Pastorais da Juventude do Rio Grande do Sul.

A criação da ONG Trilha Cidadã foi pensada, com o intuito de responder às necessidades dos jovens excluídos, suscetíveis a todo tipo de vulnerabilidade social, possibilitando assim o surgimento de um centro de referência à juventude que proporcionasse a viabilização de parcerias com governos federal, estadual e municipal, bem como com organizações nacionais e internacionais, garantindo assim, subsídios para uma formação integral e cidadã. Além disso, busca promover, por intermédio de uma opção clara pelos menos assistidos, *um plano de ações e atividades que possibilitem ao público jovem resgatar sua dignidade através da inclusão social,*



garantindo assim melhores condições de qualificação profissional, projetando-os para o mercado de trabalho, caracterizado pela exigência de mão-de-obra qualificada.

A inserção no mercado de trabalho é apenas um dos pilares que sustentam o trabalho desenvolvido pela Trilha Cidadã, uma vez que a entidade faz questão de tornar perceptível aos jovens assistidos por ela, que além de uma qualificação profissional,

é fundamental garantirmos o desenvolvimento de uma consciência crítica e social

A ONG acredita que ao estimular no jovem o amadurecimento da consciência crítica, resgata também princípios éticos de solidariedade, respeito, dignidade e valorização da diversidade presente na sociedade, na qual está inserido, elementos estes, fundamentais para garantir uma transformação social e cultural.



Nesse contexto, em 2009, a ONG Trilha Cidadã realizou uma parceria com a Fundação Luterana de Diaconia (FLD) com o objetivo de capacitar jovens para a atuação na elaboração de subsídios de comunicação e **resgatar através das produções a cidadania e a dignidade destes atores sociais.**

O projeto “Trilhando Comunicação”, realizado entre os meses de janeiro e setembro de 2009, formou cinco jovens do bairro Arroio da Manteiga para a prática da redação, da captação de imagens, da elaboração de audiovisuais, além do desenvolvimento de atividades multiculturais e de formação humana.

Para além da proposta de trabalhar uma comunicação alternativa, o projeto proporcionou a nós a experiência de viver em grupo. Em nossa formação, essa vivência acarretou, além de uma consciência mais abrangente sobre Comunicação Alternativa e técnicas de comunicação, também as relações de grupo e de co-responsabilidade com os outros. Nos despertou para a consciência de que o processo de comunicação numa sociedade deve ser de solidariedade onde se contemple os interesses verdadeiros da população e não os interesses de mercado, como vemos no modelo comunicacional vigente.

# Uma consciência que nos ensina a sonhar em grupo



*Uma consciência que nos ensina a sonhar em grupo*, a criar metas e objetivos, motivando-nos a correr atrás dos mesmos, ou seja, ser protagonistas de nossas próprias vidas. No curso, o protagonismo se deu a partir do momento em que nos proporcionou olhares mais críticos, possibilitando-nos fazer questionamentos sobre nossas vidas e a sociedade, tendo assim, como reagir diante de nossas escolhas na construção de nossas histórias.

Isso se evidenciou mesmo naqueles dias de chuva em que todos nós, sem exceção, queríamos ficar em casa, dormindo, assistindo televisão, fugindo do frio. No entanto, estávamos lá, no desejo de aprender as coisas mágicas que uma câmera pode fazer.

Enquanto experiência de vida, o projeto nos deixou a missão de, sempre, nos espaços em que estivermos, que possamos trabalhar para que haja justiça em todos os processos de comunicação. Para que assim, sabendo do dever que a comunicação carrega em sua essência, possamos utilizá-la em favor e na garantia de nossos direitos.

Essa experiência nos proporcionou uma relação mais profissional com a temática da comunicação, sobretudo de uma comunicação alternativa, pautada pela justiça, pela coerência, pela ética e pela busca do bem comum. Nos tornamos comunicadoras (es) mais humanas, mais justas, coerentes, sem descuidar do profissionalismo. Pelo contrário, nos tornamos mais aptas a desenvolver um trabalho comunicacional mais humanizado e promotor da vida para todas as pessoas.

# Boca de Rua

## *Boca de rua: há 10 anos na boca do povo*

### **O que é o Projeto Boca de Rua?**

O Boca de Rua surgiu em 2000, **para que as pessoas que moravam nas ruas pudessem ter um trabalho e falar direto com a população**, porque os jornais e a televisão sempre mostram os moradores de rua como bandidos e drogados - uma espécie de lixo da sociedade - sem nunca ouvir o que eles têm para dizer. O Boca começou com um jornal feito pelas próprias pessoas que moram nas calçadas, praças e viadutos, sendo orientados por jornalistas, psicólogos e educadores da Ong ALICE. Hoje, além do jornal, o grupo já produziu vídeos, exposições fotográficas e dois livros de literatura. Ao todo são entre 20 e 25 adultos e 18 crianças e adolescentes, que se reúnem uma vez por semana e fazem um jornal trimestral com oito mil exemplares. Os adultos recebem e vendem de 35 a 45 jornais por semana ao preço de R\$1,00 cada e toda a renda é revertida para eles.

### **O que é a ALICE?**

A Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (ALICE) é uma organização sem fins lucrativos que trabalha pelo direito ao conhecimento e à comunicação. Tem como objetivos desenvolver projetos de comunicação alternativa autogestionáveis; discutir o comportamento, a ética e as tendências da grande imprensa, formar leitores críticos e

contribuir para democratizar e qualificar a informação no país. O trabalho é viabilizado por meio de financiamentos de projetos, parcerias, doações e prestação de serviços voluntários. Entre outros, colaboram sistematicamente Fundação Luterana de Diaconia, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, Revista Biss (Alemanha), Paulo Affonso Consultores de Marcas e Patentes, Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (GAPA), Lavoro C&M, Documental Fotos e Formateixo.

### **Como são os encontros?**

Os primeiros encontros foram na praça do Rosário e participavam apenas quatro pessoas. O primeiro jornal saiu no I Fórum Social Mundial (2001), depois de seis meses de trabalho. Era bem pequenininho, com só quatro folhas. Na capa estava escrito “Vozes de uma gente invisível”. Desde esta época, tudo era decidido pelos integrantes, com conversa ou por votação. Até o nome e o logotipo foi idéia do grupo. Depois de um tempo, a “sede” do Boca foi transferida para o Parque da Redenção. As reuniões chegaram a acontecer no palco do Araújo Vianna, mas logo avisaram que não ia mais dar para fazer lá. Sem teto outra vez. Quando chovia, os encontros aconteciam embaixo das abas do auditório e, se tinha muita gente, o pessoal catava esses guarda-chuvas de camelô das latas de lixo e ficavam três ou quatro encolhidos em baixo das varetas quebradas. Foi aumentando o número de integrantes e as pessoas começaram a trazer os filhos e irmãos pequenos. Aí surgiu o Boquinha.

### **O que é o Boquinha?**

O Boquinha é a parte do jornal feita pelas crianças e adolescentes. A idéia foi de um morador de rua, já falecido, que participava do - projeto, o Alca. A gurizada vai ao cinema, teatro, circo, zoológico e outros passeios. Depois conta tudo no jornal e faz trabalhos de arte para enfeitar as páginas. **O Boquinha mostra o mundo para as crianças e as crianças para o mundo.** Dizem que criança pobre não tem imaginação nem criatividade, mas o Boquinha prova que isso é mentira. Hoje todos estão estudando e com as famílias que recebem uma bolsa-auxílio. Nenhum integrante menor de 18 anos vende o jornal.

26

### **Onde acontecem as reuniões?**

As reuniões dos adultos acontecem na sede do Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (GAPA), no bairro Cidade Baixa, às segundas-feiras, das 14 às 15h30min. O encontro

das crianças é às quintas-feiras, também das 14horas às 15h30min, na sede do Restaurante Popular da Ação da Cidadania, em frente à Rodoviária. Antes de se fixar nestes dois locais, o Boca se reuniu no Bandeirão Popular e na Sala 10 do Mercado Público.

### **Como é feito o jornal?**

Todas as entrevistas e fotos são feitas pelos integrantes, que também escolhem os temas das matérias (pautas). Além das reuniões- onde são planejadas as matérias e feitos os textos coletivos- acontecem as saídas - às vezes em dias extras - para entrevistar e fotografar. Existem sete pessoas que trabalham junto com a equipe - duas jornalistas, uma programadora gráfica, um psicólogo, uma arte-educadora, um fotógrafo e um estudante de Teologia. Eles orientam o trabalho e acompanham nas saídas, só que as decisões são tomadas pelos próprios participantes. Para fazer entrevista não precisa saber ler e escrever, basta ter educação e respeito e saber apertar as teclas de um gravador. Depois os técnicos passam o conteúdo das fitas para o papel e *OS textos são montados coletivamente*. Quem sabe escrever, escreve, quem não sabe ou não gosta, só fala, dá a sua opinião. Os fotógrafos têm a orientação do oficinairo de fotografia, que também empresta o carro para as saídas. O carro é um fusca e foi apelidado de Herbie. Ao final da edição, é feita a escolha da matéria e da foto de capa por consenso ou de votação. Os títulos são sugeridos pelos próprios participantes, mas a edição final e diagramação ficam por conta dos técnicos.

### **O que é preciso para participar do Boca de Rua?**

Para fazer parte do grupo é preciso assistir a pelo menos três reuniões e cumprir as regras, que foram feitas e votadas pelos próprios integrantes. A principal delas é respeito: pelos colegas, pelas coisas dos colegas e principalmente pelo grupo. Não pode fazer nada que suje o nome do Boca.

### **O que é o DeBate Boca?**

O DeBate Boca é uma reunião especial que acontece, geralmente uma vez por mês para tratar das coisas boas e ruins do grupo, especialmente questões de saúde, família, cidadania e relação com o público (vendas, entrevistas, palestras, amizade, etc). Nestas reuniões, as pessoas têm espaço para falar de si, dos seus problemas, coisa que normalmente não acontece. É fácil acusar os moradores de rua, mas ninguém se interessa para ouvir o lado deles. No DeBate Boca vem gente de fora para trazer exemplos e discutir o que

pode ser feito para melhorar a vida dos participantes do grupo. Também se fala dos problemas que surgem nas reuniões ou durante as vendas, procurando achar uma solução sem violência. Estas reuniões foram possíveis porque a Fundação Luterana de Diaconia (FLD) deu apoio à idéia, que já vinha sendo discutida há tempos dentro do Boca. Ninguém queria apoiar, porque é difícil acreditar em morador de rua. Por isso foi *super importante a FLD ter acreditado no Boca*. Foi também a parceria com a Fundação que tornou possível comprar câmaras de vídeo e fotografia. Além do jornal, o Boca acabou fazendo dois documentários pequenos, uma exposição fotográfica e ainda montou a editoria de fotografia. Hoje tem um estagiário da Fundação trabalhando com o grupo.

**De que maneira o Boca influencia as políticas públicas?**

A principal maneira do Boca **tentar mudar a realidade é conscientizando as pessoas e mostrando uma realidade que não sai nem na tevê nem nos jornais**. Isso é feito no próprio jornal, mas também pela conversa que o vendedor tem com os compradores. O grupo acredita que, conhecendo melhor a situação dos moradores de rua e vendo que eles não fazem apenas coisas ruins, a consciência das pessoas pode mudar, influenciando na política. Mas também já foram feitas denúncias, reuniões com autoridades e manifestações públicas na rua. Ultimamente o Boca tem representantes no Movimento Nacional dos Moradores de Rua através do projeto Aquarela. No Fórum Regional Sul- Realidade de Rua, que aconteceu em 28 de maio de 2010, em Porto Alegre, cerca de 50% dos integrantes do Boca de Rua participaram.

**O Boca já foi premiado?**

Já, várias vezes. Entre outros, recebeu o Prêmio Pontos de Mídia Livre do Ministério da Cultura 2009, Prêmio Direitos Humanos 2002, Prêmio INSP (International Street Paper Awards) 2008 - Best Vendor Essay 2008. Com um desses prêmios foi feito um fundo e tudo que se compra com este dinheiro é decidido pelo grupo.

**E os planos para o futuro?**

Mais 10 anos de muita união e trabalho e uma sede própria. Pelo menos.

*(A entrevista acima foi feita pelo grupo e com o grupo de integrantes do Boca de Rua, junto com os profissionais que coordenam o projeto. É, portanto uma "auto-entrevista")*

# Arte em Conjunto

## Primeiro evento

Existia no ano de 2006 um projeto chamado Mutirão de Grafite, que era realizado em comunidades do Rio de Janeiro, que naquele momento, conseguimos levá-lo ao complexo de Camará, mais precisamente à favela do Sapó.

A comunidade na época era número um em queima de ônibus na cidade; a principal escola havia sido furtada quinze vezes, em menos de um ano; maior índice de roubos de carros da região, entre outros.

Nós, que vivemos aqui na Zona Oeste, somos um terço da população da capital, detemos 50% do território da mesma, e apenas 14% dos equipamentos culturais da cidade. Pela extensão que tem esta área, dificilmente sabemos de programações de outras partes da região. E mesmo assim, tínhamos que observar se aonde estava acontecendo as atividades culturais era uma área rival a nossa. Além da dificuldade de transporte coletivo que a Zona Oeste sempre teve, que dificultam o seu entretenimento, o jeito foi nos deslocarmos para o centro da cidade

Acreditamos que um dos principais obstáculos, além de superar a falta de grana, foi superar a tensão de se organizar um evento cultural, depois de seis longos anos de tensão, de medo, de silêncio. Seis anos que levaram 95% do comércio externo e 70% do comércio interno da comunidade à falência. Perda quase que total da comunicação entre os moradores. Se fôssemos contar o tempo de atividades culturais promovida pelos moradores e não por nenhuma força local, iríamos para mais de dez anos.

**O que nos motivava era a possibilidade**

de interferir naquela realidade, provocar 12 mil moradores. Criar painéis que ficariam estampados ali e teriam uma interpretação diferente a cada pessoa que olhasse.... O Júlio e a Carol conheciam o Cris, um dos organizadores do Mutirão de Grafite. Então, o Mariozinho e o Alvinho chamaram alguns amigos da localidade e estava formada a primeira equipe do então “O dia em que a arte fez mais barulho”, que logo se chamaria Arte em Conjunto. Foi um domingo lindo e animado, o efeito ação e reação se fez presente rapidamente durante as pinturas. Os moradores preparam lanches, compraram refrigerantes. Demonstravam um agradecimento pela ação. Ficamos felizes com tamanha proeza.

O assunto dentro da comunidade, nos bares, nas igrejas, nas escolas, era só o evento, suas pinturas, seus significados. Após este evento, depois de 14 anos, voltam a ser organizadas as festas juninas. Também as festas de aniversário nos pátios dos prédios. O Arte em conjunto participa da fundação de um novo bloco carnavalesco no conjunto. Vinte anos do término de um saudoso e glorioso bloco chamado Dragão de Camará. A paróquia Nossa Senhora da Lapa aceita uma parceria e passa realizar missas campais no conjunto. O que resolvemos chamar de “missa pela paz”. As igrejas evangélicas também passam a realizar cultos nas praças do conjunto com mais intensidade.

O grupo passou a realizar parceria com todas as escolas da região Thomé de Souza Antonio Bandeira e Ciep Antonio Evaristo de Moraes. Realizando palestras sobre a ação de mudar o conjunto e oficinas de grafite. Não fizemos nenhum discurso no sentido de falarmos o porquê da ação. Nos comunicamos com a comunidade apenas com a arte do grafite e conseguimos o melhor resultado possível. Isso mostra o poder que a cultura tem e o quanto

**precisamos dessa prevenção da saúde mental que é a cultura.**

Após o nascimento do movimento o Arte em conjunto, o grupo que passa a ser referência dentro da comunidade de protagonismo popular. Se alguém tinha uma ideia de fazer alguma coisa no conjunto essa pessoa nos procurava para nós darmos uma injeção de incentivo a ela.

Devido a todo esse sucesso do primeiro evento, logo pensamos em fazer outro. Mandamos um projeto de evento para a Prefeitura, Governo do Estado e para uma

rede de supermercado. Contando a importância de um evento naquela ocasião e todos nos apoiaram. Poderíamos fazer nesse momento um grande evento de hip hop, já que éramos todos adeptos de tal movimento. Mas acreditamos que o próprio hip hop tem a essência de transformação social.

Então realizamos um evento para todas as idades, todos os gostos. Recebemos a escola Villa Lobos e o Projeto Percussom de uma comunidade vizinha (Vila Aliança). As novas necessidades eram manter a comunicação com os moradores cada vez mais intensa e despertar o senso crítico deles e colocá-los cada vez mais participantes no movimento.

A comunidade percebeu o grupo como um grupo de jovens que queria realmente mudar toda aquela situação. Mas que não iria chegar muito longe e temiam até pelo pior. Já o grupo se viu com uma enorme responsabilidade. Agora tudo que disséssemos, nosso comportamento na comunidade, contariam para o sucesso do movimento. Os apoiadores se mantiveram pontuais apenas ao evento, pela fase em que o conjunto passava não estreitaram as relações.

Acreditamos que hoje com todos os eventos realizados com as palestras e as oficinas, esbarramos em vários eixos - protagonismo juvenil, políticas públicas, geração de trabalho e renda, saúde comunitária. Hoje percebemos que o Arte em Conjunto é um sentimento materializado através do toque de cada morador naquele lugar, através de doações e reparos de eletricitas, pedreiros, técnicos de computação. Um chegou com uma lâmpada, outro com o fio, outro com saco de cimento.

Talvez poderíamos ter um espaço mais sofisticado, um trabalho mais técnico. Mas talvez não seria carregado de tanto sentimento e um resultado tão abrangente.

## *Diferente de outras histórias dessas pessoas.*

Principalmente, nas nossas vidas, como um momento que fomos instrumentos de uma transformação social. Nós acreditamos que cada lugar tem suas histórias e suas particularidades, e o seu modo de agir.



Hoje nossa comunicação se estabelece através de reuniões quinzenais. Todas as Lan Houses do conjunto abrem seus programas de internet no site do Arte em conjunto. E uma rádio itinerante, que roda várias partes do conjunto e resgata suas glórias através de seus antigos moradores. Basta colocarmos uma faixa no Arte em Conjunto que todas as pessoas conectadas ficam sabendo. O tema da faixa volta já com uma crítica de como pode ser feita a ação, como seria melhor. Hoje o conjunto repensa a ideia da associação de moradores, manifestos, abaixo assinados. Bem do jeito que nós queríamos.

Em um trabalho sociocultural deste tamanho é preciso estar presente aonde eles estão. Ajudar em problemas de outras partes da comunidade. Ir nas escolas se comunicar com as associações. É isso que oxigena e dá a verdadeira dimensão do problema, agora passamos a agir juntos com outras organizações populares. Mas ainda é uma força muito singela, perto da grande engrenagem opressora, que faz com que um lugar, ao mesmo tempo, tão populoso, tenha um serviço de saúde tão ruim. Escolas desassistidas, nenhum investimento ou algum tipo de ferramenta cultural. Um serviço social inexistente e ao mesmo tempo um grande investimento em repressão. Acreditamos que o trabalho está apenas começando. Devemos

## *ias, a nossa se eterniza na vida*

colaborar para a organização de núcleos socioculturais do complexo de Senador Camará e posteriormente na Zona Oeste. Sempre respeitando a peculiaridade de cada região e deixando claro que nosso papel é de apenas organizar aquela liderança e aquele grupo que já existe ali.

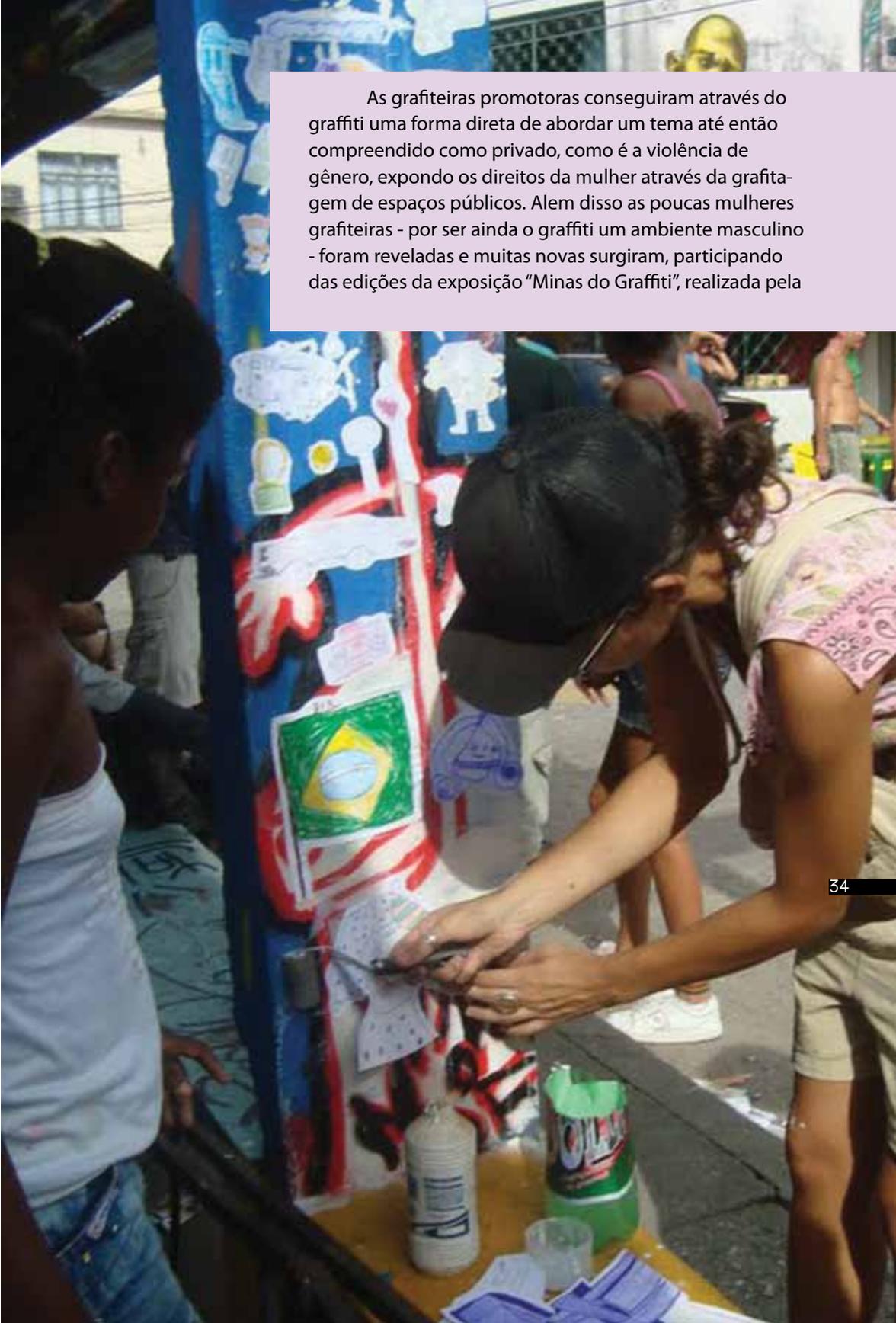
Hoje o Arte em conjunto está presente nas duas comunidades que protagonizavam os confrontos de outros tempos. Em Senador Camará com mais material humano do que tecnológico e, sem nenhum tipo de parceria financeira. O que mostra que a eficiência de um trabalho sociocultural não está no número de apoiadores ou de patrocinadores e, sim, no número de beneficiados com a sua ação “sociocultural”.

# Artefeito

Essa história de produzir cultura integrada com o debate sobre a realidade político-social de quem movimentou a cena começou em 2003 em um momento em que o mercado do entretenimento explorava o Hip-Hop na Zona sul do Rio de Janeiro, mas na Baixada Fluminense as políticas culturais ignoravam esse segmento. A produtora cultural Giordana Moreira reuniu artistas e produtores para um projeto chamado Baixada na Pista, uma mostra de cultura Hip-Hop que se desdobrou em outros diversos projetos que também aglomeravam a cultura chamada “alternativa” como o rock, a comunicação e a produção cultural independente. Antes dos shows, filmes ou oficinas os artistas se sentavam para debater temas como educação e mulher no Hip-Hop. Esse estilo de produzir cultura conectada à sociedade atraiu muitos jovens artistas, produtores, comunicadores, todos que em diferentes momentos, como Música Rap, Rio Hip-Hop Contemporâneo e outros, estavam envolvidos para agitar a Baixada Fluminense e o Rio de Janeiro.

A partir de 2008 experiências e capacitações sobre Direitos Humanos e o conhecimento das dificuldades de aplicação da lei Maria da Penha fez com que entrassem em cena as mulheres grafiteiras. Assim surgiu o projeto “Grafiteiras pela lei Maria da Penha”, grafiteiras fluminenses foram capacitadas como Promotoras Populares e percorreram comunidades da Baixada Fluminense onde através de oficinas de grafitti para mulheres elas falavam sobre os novos mecanismos para o enfrentamento da violência doméstica previstos na então recente Lei N° 11.340.

As grafiteiras promotoras conseguiram através do graffiti uma forma direta de abordar um tema até então compreendido como privado, como é a violência de gênero, expondo os direitos da mulher através da grafitegem de espaços públicos. Além disso as poucas mulheres grafiteiras - por ser ainda o graffiti um ambiente masculino - foram reveladas e muitas novas surgiram, participando das edições da exposição "Minas do Graffiti", realizada pela



Artefeito, e junto a uma série de painéis, encontros, vídeos e eventos as Grafiteiras pela Lei Maria da Penha provocaram uma nova perspectiva para as mulheres no graffiti fluminense.

## A atitude das mulheres grafiteiras era protagonista de uma nova forma de abordar a violência de gênero

e isso teve seu significado para além das comunidades. Esta metodologia inovadora fez destas grafiteiras e produtoras um novo coletivo organizado na sociedade. Elas adotaram o nome Artefeito e reinventaram a interação da arte com os direitos humanos.

Porém, a Artefeito também atraiu os meninos para suas causas. **A questão de gênero está sempre presente seja qual for o sexo do grafiteiro** ou produtor que está desenvolvendo o projeto, mas naturalmente suas oficinas seguidas de grafitagens coletivas estenderam seus temas para demais recortes sobre os Direitos Humanos, pois todos estão ligados nas violações que acontecem no dia a dia e fazem da Artefeito seu instrumento para expressar e reagir a esta realidade, se reunindo a partir da ação, quando





todos se juntam para pôr a mão na massa, ou no spray. Ainda passaram a propor a geração de renda e a autossustentabilidade do grupo através de produções ligadas ao visual, como a serigrafia.

Hoje as grafiteiras Aila, Erica, Muleca e o grafiteiro Davi, as produtoras Giordana e Thais e o produtor Yuri Chamusca se reúnem em oficinas, grafitagens, debates ou eventos por todo o Rio de Janeiro, sejam eles para produzir arte e cultura, provocar a reflexão ou influir na vida de uma comunidade. O que está claro é que *a missão é de atuar por um mundo diferente através do que sabem fazer: cultura e arte.*

Para mais [www.artefeito-cultura.blogspot.com](http://www.artefeito-cultura.blogspot.com) <<http://www.artefeito-cultura.blogspot.com>>



# arte Jovem BRASILEIRA - NITERÓI

**O que somos, onde  
pretendemos ir?**

Ano 2002. Dois jovens deixam Porto Alegre - RS, após participação no 2º Fórum Social Mundial. De volta para Niterói, trazem a fé na mensagem “Um outro mundo é possível” e a vontade de contribuir para um mundo melhor através da arte.

As ideias, democraticamente discutidas, os levaram, então, à criação de um projeto cultural, com atividades semanais, que envolvesse todas as artes possíveis e abrisse espaço para novos artistas. **Dar o palco a quem tem sede dele e formar uma plateia interessada em conhecer o novo.**

A esses encontros compareciam artistas e produtores de todas as idades que integrados àquelas ideias iniciaram discussões cujas pautas envolviam produção, divulgação, gestão de arte e de cultura. Fazia-se, no entanto, necessária a busca de diferentes modelos de valorização da cultura que potencializasse novas expressões da arte brasileira com toda a sua diversidade e beleza. Dessa fonte fraterna e democrática de pensamentos jovens e renovadores brotou o que hoje chamamos: MOVIMENTO ARTE JOVEM BRASILEIRA (AJB), um grupo de jovens de todas as idades, aberto a participação de todos.

Autogerido (em todo processo decisório é dada a oportunidade de todos os integrantes participarem), sem hierarquias e em constante mutação, o Movimento busca, através de ações precisas, alternativas aos modos comerciais na forma de lidar com a produção cultural e, assim, que todos tenham acesso à arte e ao espaço para expressar-se.



Expandem-se o Movimento. Todavia não há um espaço próprio para que os artistas mostrem os seus trabalhos, as suas artes, mas uma casa de cultura e a seguir a Universidade Federal Fluminense (UFF) abraçam o projeto e permitem que isso ocorra no reduto boêmio da cidade, bairro do Gragoatá e todos tornam-se marujos no Espaço Cultural Convés em noites multiarte memoráveis que acontecem até hoje, duas vezes por mês.

As reuniões, ações, intervenções e participações pontuais geram, de forma democrática e livre, diálogos de proporções locais, estaduais e nacionais, *fazendo do AJB uma referência na participação popular nas políticas públicas da cidade*, exemplos disto são as participações em eventos e redes como o Fórum Social Mundial, Conselho Municipal de Cultura, Fórum Cultural de Niterói, Conferências de Cultura; Conferências de Juventude, Programa Juventude e Direitos

da FASE, Encontros de Projetos de Extensão da UFF.

Crescem as redes e as distâncias diminuem. Em 2006, o AJB realizou a primeira edição (de três) da Exposição Mundial de Tema Livre, da qual participaram pessoas de mais de 30 países. Em 2007, um intercâmbio cultural trouxe uma estudante francesa para o nosso grupo. Inicia-se assim, uma inserção, ainda que modesta, do Movimento em redes de alcance mundiais, onde pensamos e trabalhamos na sensibilização a questões democráticas, ambientais, culturais, coletivas, etc.

Seguimos o nosso curso, o nosso objetivo de fomentar, divulgar, produzir, estimular, registrar as diversas expressões culturais dando prioridade as que não têm a oportunidade de acesso às grandes mídias. Ancoramos no Convés, nas praças, produzimos CDs, documentários, shows, participamos de intercâmbios, redes, parcerias, sempre abertos aos ventos mais sinceros.

Cuidamos com rigorosa atenção para que a nossa comunicação seja um permanente canal de expressão capaz de traduzir os sentimentos daqueles que se comunicam com a sua arte. Atuamos em programas de TV universitária, TV para internet, rádios comunitárias, produzimos



vídeos-registros e documentários acreditando e investindo nos canais alternativos de veiculação afim de contribuir para a construção de uma cultura de comunicação mais solidária e livre dos interesses comerciais.

E o tempo passa permitindo ao AJB, durante todos esses longos anos de lutas, a possibilidade concreta de escrever a sua própria história, o seu roteiro, o seu enredo, a sua maneira anfitriã de abrir portas às artes e artistas, para que eles possam livremente expressar os seus tantos talentos, suas esperanças, seguir suas carreiras.

Mas reside em nós, também, a consciência do permanente movimento evolutivo da humanidade e sabemos que a arte, e tudo que a envolve não estão fora dessa órbita.

Sendo assim,

**queremos sempre mais na busca incessante do conhecimento e da ação pelas artes,**

como gestores que somos dessas atividades.

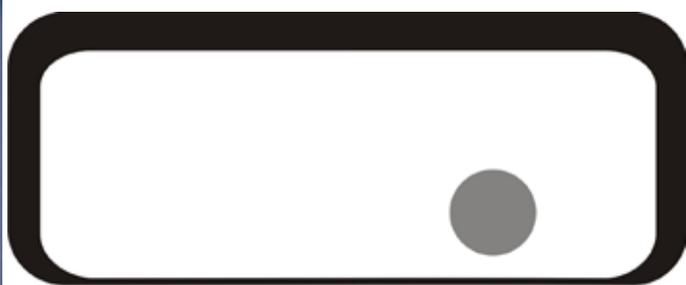
Aprimorar nossas técnicas e afinar nossa política com gente do bem, está entre nossas prioridades atuais.

Lutar para fazer valer os nossos direitos é um dever de cidadão tão importante quanto buscar alternativas para conquistar novos direitos. Temos plena consciência de que um mundo melhor será possível quando a sociedade for capaz de se unir pelo bem comum e quando os interesses coletivos estiverem entre as prioridades de cada um.

*Ser o catalisador destas pessoas e ideias é uma de nossas eternas missões.*

Assumindo-a seguimos em frente. É gratificante para nós o aplauso e a satisfação dos artistas que participam dos nossos projetos e edições e ao mesmo tempo, uma indicação no sentido de que estamos no rumo certo.





# CIRCULANDO

## Informação e Arte Urbana

Circulando Informação e Arte Urbana é uma organização fundada em 23/09/2005, fruto da idéia de profissionalização e multiplicação dos ideais do Graffiti Art, por um grupo de artistas desta expressão. Nossa missão é ir além do imaginar, criar e aprender através da arte, construir um mundo de possibilidades reais e aperfeiçoar os traços humanos, transformando vidas. Apesar das diversas dificuldades e dos preconceitos encontrados no caminho, (bah! e foram muitos) a Circulando hoje conta com o apoio de artistas, que trabalham tanto pela geração de renda e sustentabilidade, quanto pelos ideais sociais e culturais da arte urbana.

Acreditamos que tudo que construímos, incentiva e cria o despertar de novos cidadãos, aprendizes, construtores de uma nova geração, que visa a mudança.

Nossos projetos são os embriões de uma conquista que nos dá o maior orgulho, as cores e formas nos levam a imaginar as possibilidades que criamos ao longo de nosso trajeto.

Queremos crítica à cidade e a sociedade, manifestar nossas opiniões e pensamentos. Circulamos com nossas ideias dentre as comunidades plantando a semente da cultura. Nossas mensagens percorrem caminhos e alcançam desejos antes escondidos e encobertos pelo medo.

A Ong Circulando Informação e Arte Urbana desenvolve um trabalho que nasce da crença de que a arte é, por excelência, o meio de construção e de expressão da verdadeira cidadania.







Nossos olhares estão voltados a quebra de preconceitos e a aceitação do potencial sócio-transformador do Graffiti e suas vertentes. A visão da Circulando é de que a arte é capaz de transformar vidas de forma positiva e restauradora, criando vínculos e facilitando o diálogo e o entendimento de temas polêmicos. Nossas oficinas abrangem o conhecimento sobre a arte e a cultura urbana, fazendo com que crianças e adolescentes transformem seu cotidiano e seu ambiente num lugar criativo, produzimos painéis, pintamos, ilustramos olhares, utilizamos técnicas e criamos novos conceitos. Não temos lugar fixo, não temos uma sede ou algo parecido: isto por um lado prejudica, pois não temos referência, ponto de encontro, no entanto nos possibilita a cada dia ampliar a rede de parceiros. Por este motivo trabalhamos de forma bem sistemática: Pensamos; Estudamos; Executamos. Em outras palavras, temos uma ideia e procuramos os meios para que ela exista. Depois colocamos tudo debaixo do braço e corremos atrás de alguém que acredite na proposta. Nestes anos de atividade aprendemos muito, caímos muito, rimos muito, mas principalmente acreditamos muito.





Atualmente temos em nosso currículo muitas atividades legais que ajudaram a criar e informar um público antes desprovido deste conhecimento. O Projeto Circulando Ideais foi mais uma atividade onde acreditamos numa forma de ensino e colocamos a cara. Foram quatro entidades parceiras: Ponto de Cultura Ventre Livre, Casa Brasil/Poa, Cesmar/RS e Centro Juvenil Monteiro Lobato, quatro regiões com uma única proposta: Oferecer conteúdos e principalmente experiências de vida. Durante seis meses de atividade os alunos participantes puderam trocar ideias com cinco educadores que trabalham com o graffiti, mas com experiências e visões de vida distintas, o que possibilitou no final do processo ampliar o leque de possibilidades ao aluno. Queremos e estamos indo além, dividindo conquistas. Ensinar e aprender que juntos, mesmo com os obstáculos, somos capazes de fascinar os olhares e inspirar o que é mais belo, a “arte de criar” e, é por isso que agradecemos a todos que contribuem para a formação desta nova educação e, em especial à FLD que mais uma vez nos possibilitou o desenvolver esse “embrião” que foi o Projeto Circulando Ideias.



A organização foi criada em 1999 pelo rapper Dudu de Morro Agudo, com o objetivo de interligar pessoas de todo o Brasil que fossem integrantes do movimento hip hop. A decisão de criar a organização veio porque Dudu praticava a pouco tempo o rap e não conhecia outros artistas na cidade e no estado em que morava. Tinha a vontade de saber mais sobre a cultura hip hop e criar uma organização de que unisse as pessoas. Seria o jeito mais fácil.

O nome da organização surgiu, principalmente, de uma frase do rapper Tupac Amaru Shakur:

**“Quanto mais escura é a pele, mais profundas são as raízes”.**

Dudu enviou cartas, pois conseguiu o endereço deles na Revista Rap Brasil, a única revista do gênero na época. Uma semana depois recebeu as respostas e, em um processo de ler e escrever cartas diariamente, até que decidiu criar a primeira versão do Portal Enraizados.

A partir do interesse das pessoas, foi idealizado o primeiro projeto da organização: a produção de uma coletânea musical, bancada com recursos próprios do Dudu de Morro Agudo. Esta produção teve como objetivo divulgar os grupos de rap em outros estados, gerar renda para os grupos participantes, pois a reprodução e a venda eram liberadas, com tanto que se mantivesse o formato original. O objetivo chave era fazer as pessoas interagirem com o Movimento Enraizados em várias cida-

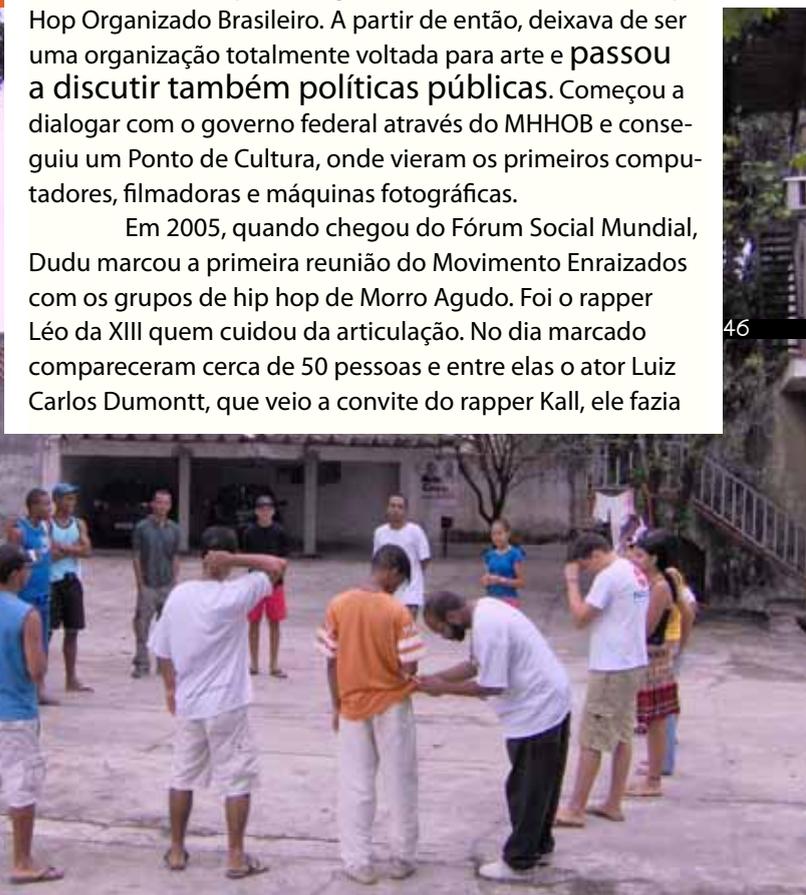
des, multiplicando conhecimento e ainda ganhando uma grana. Nesta primeira coletânea participaram grupos de seis estados diferentes (PB, SP, MS, TO, RJ e SC) e este projeto foi considerado por muitos a primeira coletânea nacional de rap.

A notícia da coletânea se alastrou como um rastro de pólvora. Como muitos fanzines publicavam, então as rádios comunitárias começaram a divulgar também. Essa foi a primeira vez que o coletivo trabalhava a comunicação alternativa - fanzines, rádios comunitárias e internet - para propagar um projeto do Movimento Enraizados.

Em 2001 era muito difícil conseguir parcerias, e o próprio hip hop não se permitia dialogar com outros grupos e instituições que não eram do meio. Então as parcerias do Movimento Enraizados eram sempre entre grupos de rap, posses e instituições de hip hop.

Em 2003, o Movimento Enraizados do Rio de Janeiro, recebeu a visita de quatro rappers do Maranhão - Preto Ghóez, Lamartine Silva, Nando e Juares, todos integrantes do grupo de rap Clã Nordeste - que vieram convidar o Movimento Enraizados para integrar o MHHOB - Movimento Hip Hop Organizado Brasileiro. A partir de então, deixava de ser uma organização totalmente voltada para arte e **passou a discutir também políticas públicas**. Começou a dialogar com o governo federal através do MHHOB e conseguiu um Ponto de Cultura, onde vieram os primeiros computadores, filmadoras e máquinas fotográficas.

Em 2005, quando chegou do Fórum Social Mundial, Dudu marcou a primeira reunião do Movimento Enraizados com os grupos de hip hop de Morro Agudo. Foi o rapper Léo da XIII quem cuidou da articulação. No dia marcado compareceram cerca de 50 pessoas e entre elas o ator Luiz Carlos Dumontt, que veio a convite do rapper Kall, ele fazia



parte do grupo Fator Baixada. Dumontt também participava de uma instituição de teatro chamada Cia Encena, mas estava disposto a ajudar no Movimento Enraizados. A partir daí começaram a pensar juntos as atividades em Morro Agudo. Foi quando surgiram as ideias do Fanzine Voz Periférica, do Encontro - evento de hip hop onde os militantes e artistas se encontram para compartilhar ideias, do CEFAM - centro de estudo e formação de ativismo e militância do Movimento Enraizados, e da Rede Enraizados.

Dudu e Dumontt deram um outro rumo ao Movimento Enraizados, **criaram tecnologias sociais, metodologias e trabalharam muito, unindo não só a galera do hip hop**, mas todos que se identificavam com a ideologia.

A ideia agora era formar novos grupos de militantes que pudessem multiplicar em suas comunidades os ensinamentos adquiridos com o Movimento Enraizados em Morro Agudo.

No ano de 2007 conheceram a FASE, através do projeto “Derechos & Direitos” e começaram a entender sobre Direitos Humanos e, principalmente, a respeito da exigibilidade de direitos. Era o foco que a organização precisava. Neste mesmo ano o Movimento Enraizados ganhou o 1º lugar no Prêmio Cultura Viva, do governo federal, e conseguiu assim alugar sua sede, com 350m2, e a realizar atividades, que antes ocorriam nas ruas, dentro de um espaço de referência para a cultura hip hop em todo o Brasil.

No ano de 2008 aconteceu a fusão entre a Cia. Encena e o Movimento Enrai-



zados. O público alvo do Movimento Enraizados passou a ser a juventude ociosa da cidade de Nova Iguaçu - fazendo ou não parte da cultura hip hop, e os militantes do hip hop em todo o Brasil.

Hoje, o Movimento Enraizados é uma organização de juventude que trabalha em rede. **Está presente com militantes em todos os estados brasileiros, com instituições em 17 estados e em 10 países.** Utiliza, além das artes integradas do Hip Hop, o audiovisual, o teatro e a comunicação alternativa como ferramentas para exigibilidade de direitos humanos. Atualmente, tem como objetivo principal a formação e orientação de militantes e grupos artísticos para criação de novas instituições de base, com foco no protagonismo juvenil, para que juntos possamos interferir no processo social para o combate às desigualdades.

A comunicação alternativa é um dos pontos fortes da organização, pois o Portal Enraizados ([www.enraizados.com.br](http://www.enraizados.com.br)) (1) conta com cerca de 600.000 acessos mensais, o fanzine transformou-se em um jornal elaborado de forma coletiva e colaborativa, e a Rádio On line é ouvida em todo o território nacional.

O Movimento Enraizados cresce mais de 500% no ano, sempre superando as metas que são previstas. Para o ano de 2010, a meta é adquirir uma sede própria, onde se possa realizar simultaneamente todos os projetos de forma harmônica e formar novos militantes com as ideologias do movimento, criar uma incubadora cultural, fazer os encontros presenciais da Rede Enraizados e expandir ainda mais a Rede Internacional do Movimento Enraizados.

(1) <<http://www.enraizados.com.br/>>



# KSULO

Formado por jovens negros da comunidade periférica - Bom Jesus, Zona Leste de Porto Alegre - o grupo "Revolução RAP" criado em 1993, foi o embrião de iniciativas culturais, propostas educativas e empreendimentos solidários sustentáveis a partir da cultura Hip Hop. Sem qualquer forma de patrocínio, criaram formas alternativas para a produção e confecção de CD's, calças e camisetas do grupo em espaços improvisados nas casas dos integrantes. O PX, um dos fundadores do grupo, montou uma pequena serigrafia no seu quarto nos fundos de casa e passou a confeccionar roupas a partir do estilo Hip Hop (street wear) em parceria com as costureiras da comunidade. Os jovens forjaram uma nova linguagem, *o RAP os uniu e trabalharam juntos para a realização de um sonho coletivo*. Assim, teceram as redes junto a outros jovens de periferia e tornaram-se protagonistas do movimento hip hop no Rio Grande do Sul.

Além da música e da confecção independente, voluntariamente compartilharam suas experiências e promoveram ações como oficinas e eventos culturais, dentro e fora da comunidade. Sem um espaço cultural específico para jovens na Bom Jesus, PX e DJ. Péia, membros do grupo Revolução RS\*, alugaram uma casa, a qual batizaram como o nome de "Casa do Hip Hop KSULO" em 2006. *A sigla KSULO faz menção ao casulo de borboletas*, cuja estrutura oferece as condições para o desenvolvimento de asas das lagartas até sua metamorfose em borboletas. Desde então, passam a organizar equipes de jovens dançarinos, MCs, DJs e graffiteiros da comunidade local, para a promoção de encontros e oficinas de hip hop. Na Casa havia



seis peças vazias, que foram preenchidas com os jovens, que passaram a frequentar e se apropriar dos espaços, dando asas as suas ideias e projetos.

Na esquina da Casa do Hip Hop, uma feira atraía crianças e adolescentes da comunidade, que ajudaram os moradores e pessoas de fora a estacionar e cuidar seus carros e a carregar sacolas de compras, a fim de arrecadar dinheiro ou algumas frutas e verduras para seu sustento passageiro. Esses mesmos jovens perceberam a movimentação no KSULO e prontamente aproximaram-se. Entre eles, Acerola, Wesley, Devid, Tylor Giovane, Jonathan, Bredi, Brendom e Balu passam a frequentar a Casa do Hip Hop, participando das oficinas de dança. Como nas iniciativas da KSULO não havia financiamento, **os próprios oficinandos passaram a contribuir prontamente com o que arrecadavam na sua jornada na feira** ao lado. Desse modo, passaram de casa em casa, de bar em bar para pedir apoio a moradores e empreendedores locais. Dona Efigênia e Dona Sônia, fundadoras da creche comunitária “Três Corações”, colocaram à disposição a creche, para realização de oficinas.

A incipiente equipe de oficinairos, formada pelos jovens dançarinos como Nego Junior, Pablito e Bolão, o DJ Péia, os MC’s PX e Sadol, e os graffiteiros Niggaz e Pona, passaram a fazer parceria com movimentos sociais e entidades do terceiro setor, realizando oficinas também fora da comunidade, em acampamentos e assentamentos, casas culturais e escolas, buscando contribuir às necessidades e lutas comuns. Ainda em 2006, a ONG ALAN, creche comunitária da Bom Jesus, conheceu o KSULO através de um jovem que prestava serviço comunitário junto às crianças e adolescentes da creche, e acabou sensibilizando-se com as iniciativas, contratando e remunerando os jovens oficinairos da Casa do Hip Hop KSULO para trabalharem junto a jovens nos SASE’s da entidade. O empreendimento dos jovens da KSULO mostrou ser uma experiência



concreta do trabalho coletivo de jovens na promoção de atividades culturais, educativas e autosustentáveis. As ações ganharam visibilidade e atraíram novos jovens, abrindo as portas para outros estilos como o Funk de MC Boneco e MC Chorão, que passaram a compartilhar suas composições com forte crítica ao “Porno Funk”. Grupos de RAP tradicionais da comunidade Bom Jesus, como Ala Beat, formado pelos MC’s Nego Branco e Ivan, integraram-se ao coletivo e passaram a ajudar nas iniciativas. Com uma caixa de som amplificada, um aparelho de cd e microfones ainda precários, iniciaram-se as oficinas e ensaios. Além dos homens, as mulheres também se fizeram protagonistas de iniciativas como as MCs: Thaynara, Gabriela e Vitória e o grupo de RAP: Garotas MC’s, formado pelas integrantes Crissuelen, (“Su”) e Tatiele (“Tiele”), Patrícia (“Tica”); Tássia, (“Kadec”), Andriele (“Nany”) e Dinaiara, (“Dina”).

Em 2007, o KSULO inicia a parceria com a ONG Moradia e Cidadania, assinando um contrato de comodato de seis computadores para inclusão digital. Os computadores deram forma à peça batizada como “sala da comunicação”, cujos computadores foram ligados à internet. Foi assim que jovens como Douglas, Testa, Leandrino e Dubico tiveram seus primeiros e-mails e sites de relacionamento. As estruturas dão asas para os sonhos dos jovens, que passam a investir ainda mais na manutenção da Casa do hip hop, **trabalhando juntos e tirando do próprio bolso para pagar despesas** de aluguel, luz e internet. Com as contas para pagar, a serigrafia reapareceu como alternativa de geração de renda, lançando a confecção “470”, fazendo alusão ao número do ônibus que atravessa a comunidade. A iniciativa deu

certo e passou a ser a principal fonte de renda, o que culminou no primeiro desfile de modas independente na comunidade Bom Jesus, com o nome de 1º Edição do Garota 470. O desfile mobilizou e aproximou 41 meninas da comunidade, entre elas; Ariadini, Karina, Tatiele, Franciele, Cássia, Estefani, Grazielle, Júlia, Samantha, Mariana, Yasmim, Carla, Fabiana, Franciele, Luandrea, Eduarda, Suellem, Samanta, Sabrina, Rosana, Kiany, Camila, Nataly, Jéssica, Juliana, Priscila, Yasmim Messias, Kelli, Laís, Claian, Bigu, Letícia e Elisângela. O desfile consegue dar mais visibilidade com mais de trezentos espectadores e divulgação na rádio e no programa Hip Hop Sul da TVE em nível estadual. A iniciativa é registrada em vídeo e socializada no site youtube, com mais de mil acessos. Ainda em 2007 o grupo KSULO lança o site [www.hiphop470.com.br](http://www.hiphop470.com.br) para o arquivamento e disponibilização online das iniciativas junto a outras redes de juventude.

Essas iniciativas são decodificadas para o papel e transformadas formalmente num projeto social em 2007, num processo de inscrição do edital de Fundo de Projetos da Fundação Luterana de Diaconia (FLD), ocasião em que foi designada a assessora da FLD, Deisimer Gorczevski, para ajudar a Casa do Hip Hop KSULO na



construção argumentativa e técnica do projeto. Inicia-se assim, um esforço de contar uma parte da história da KSULO. O projeto apresentado intitulou-se “Geração de Reanda: Capacitação para juventude”, com foco na estruturação da cooperativa de trabalho junto aos jovens na área de confecção de roupas. Com o projeto aprovado em 2008, estruturou-se os meios de produção de uma serigrafia independente, para a promoção de cursos junto à jovens da comunidade. Além da serigrafia, foram comprados fogão e alimentos para as oficinas, bem como material didático como TV, DVD e impressora. Com isso foram estruturados os espaços de cozinha, banheiro, escritório, sala de comunicação, estúdio de ensaios e serigrafia. As oficinas tiveram ganho de qualidade com a capacitação dos oficinairos e suas práticas pedagógicas com uso de material didático. Agora os próprios oficinairos podiam preparar suas refeições sem ter que tirar do próprio bolso. Filó, Raissa e Kelly sempre apareciam para fazer um bolo e formar uma reunião. Tal estrutura trouxe junto a concretização de um sonho, deu aos jovens autoestima e um exemplo concreto que é possível construir e realizar sonhos coletivos. O momento foi propício para a 2ª edição do “Garota 470”, alinhando novas parcerias como a cooperativa de costura das mulheres negras da “COPEART” na confecção da marca 470. O desfile em 2008 ganha ainda mais visibilidade, sendo produzido mais um “vídeo book” com a ajuda da maquiadora Micheline Freita e da fotógrafa Ana Mendes, tendo sua vinculação no youtube com mais de mil acessos. A produção de vídeos caseiros também passa a ser a nova linguagem de interação, num total de mais de onze mil acessos, como registra a página do Observatório KSULO no início de 2010 - [www.youtube.com/observatorioksulo](http://www.youtube.com/observatorioksulo)).

Em 05 de abril de 2008, o grupo realiza o evento “Hip Hop VS Violência” com os objetivos de discutir e sensibilizar a comunidade e sociedade sobre o tema da violência. Nessa mesma ocasião, o projeto inaugura oficialmente o projeto “Casa do Hip Hop KSULO” com presença de uma das maiores referências do movimento hip hop, Ed Rock - mc do grupo de rap paulista Racionais Mc’s - e cobertura do programa Hip Hop Sul da rede TVE. A Casa do Hip Hop ganha visibilidade, principalmente entre os jovens moradores da Bom Jesus e militantes do movimento hip hop. Dessa forma, o coletivo de jovens passa a intervir ainda mais nas políticas públicas. Com o ingresso do KSULO no Orçamento participativo, em 14 de abril de 2008, o KSULO elege quatro delegados pela temática de cultura de Porto Alegre e comissão de cultura da região leste no OP, com a presença de mais de quarenta jovens ligados ao KSULO no Teatro Dante Barone da Assembléia Legislativa de Porto Alegre. Insere-se na Secretaria de Cultura e Secretaria de Direitos Humanos, dialoga com as comissões de cultura das comunidades do OP e conquista projetos em parceria com outras entidades comunitárias.

Desse modo, a Casa do Hip Hop KSULO vem dando asas a sonhos coletivos e acumulando vitórias. Tais iniciativas podem servir de homenagem a jovens que de alguma forma contribuíram para essas conquistas, mas que tiveram suas vidas interrompidas no meio de seus vãos.

GG, Tiuca, Leandrinho e Igor, estejam em PAZ

*\*O nome do grupo “Revolução RAP” mudou para “Revolução RS em 2000.*

# INSTITUTO RAÍZES EM MOVIMENTO

## Histórico:

O Grupo Sócio Cultural Raízes em Movimento (hoje Instituto Raízes em Movimento) surgiu em outubro de 2001 no Complexo do Alemão - Região da Leopoldina, Zona Norte do Rio de Janeiro, quando um grupo de jovens e universitários moradores daquela comunidade, envolvidos em trabalhos sociais na região, **se uniram com intuito de potencializar o capital social existente na localidade.**

Inicialmente o grupo contabilizou as potencialidades e recursos disponíveis - materiais, humanos e articulações - para traçar as primeiras estratégias de atuação. As primeiras ações do grupo foram: trabalhar a questão ambiental, promover atividades esportivas e ações para a educação e cultura, além da *capacitação constante de seus integrantes para o fortalecimento institucional.*

A cultura se apresentou como temática estratégica para as atividades do Raízes em Movimento, percebia-se o interesse e envolvimento de um número cada vez maior de jovens, assim sendo, houve um investimento forte (por parte do Grupo) na promoção de manifestações culturais dentro do Complexo do Alemão.

A partir de articulações com o Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável - CIEDS, foram viabilizados alguns projetos e atuações pontuais, sobretudo a ampliação do arco de parcerias que fortaleceram as ações na área cultural. O "porta voz" disso tudo foi o Projeto TINTARTE (2002/2003), desenvolvido com

o intuito de trabalhar com jovens em situação de risco social e que estavam, em sua maioria, envolvidos com a pichação. Esses jovens tiveram cursos de desenho e aulas de técnicas do “Graffiti”, além de oficinas de Cidadania e Direitos Humanos. Já em 2004, com a implantação do projeto TINTARTE II, novas estratégias foram traçadas tendo como foco a geração de trabalho e renda para a juventude, hoje realizada pelo Grupo Sociocultural Raízes em Movimento, como ação permanente na comunidade do Complexo do Alemão.

As ações realizadas até então foram promotoras do crescimento e aglutinação de outros temas ou possibilidades de se fazer cultura. Hoje, integrantes do Instituto Raízes em Movimento após um período considerável de formação pessoal, desenvolvem trabalhos sociais a partir da cultura tendo como peça chave veículos de comunicação: fotografia, história em quadrinhos, desenho artístico, grafite, serigrafia, além de propostas na área de comunicação social (temáticas pautadas pela comunidade).

Temos parceria com o Observatório de Favelas na perspectiva da construção de um Núcleo de comunicação crítica como extensão da Escola de Comunicação Crítica do Observatório, o que possibilitou a formatação do projeto Circulando - Diálogo e Comunicação na Favela. Esta é uma iniciativa que, em três anos (2007 a 2009) e seis edições, trouxe para o Complexo do Alemão uma verdadeira invasão de ativistas culturais. Em formato de evento trimestral, entre apresentações musicais, teatrais, exposições de graffiti, ou fotografia, o Circulando apresentava, em cada edição, um leque de possibilidades de, a partir da valorização cultural, **fomentar um diálogo entre um público diversificado** e a comunidade se utilizando de ferramentas comunicacionais alternativas.

O Instituto Raízes em Movimento é parceiro da FASE em diversas frentes de fortalecimento institucional, além de viabilizar debates e reflexões das principais questões relacionadas às nossas ações. Derechos e Direitos foi um projeto do qual participamos ativamente acompanhando jovens nos debates sobre direitos humanos universais numa rede latina americana. Atualmente desenvolvemos o projeto Acesso à Justiça - Cultura de Direitos financiado pela União Européia. Esse projeto propõe ações de exibibilidade de direitos, sobretudo os direitos coletivos por meio de encontros de jovens e adultos em debates e leitura do contexto social a qual estão inseridos.

O Instituto Raízes em Movimento mantém articulação com o movimento Hip Hop da região metropolitana do Rio de Janeiro de forma não institucionalizada, por meio de ações das vertentes desse movimento, principalmente graffiti e rap.

Foi por meio deste tipo de articulação que o Raízes em Movimento conseguiu comprar uma galeria a céu aberto de graffiti com aproximadamente 120 produções (painéis) em uma das principais vias de acesso ao Complexo do Alemão, Avenida Central, esta localizada no Morro do Alemão. A integração desta rede de grafiteiros com a comunidade começou em 2007 com a presença do Projeto Mutirão de Graffiti.

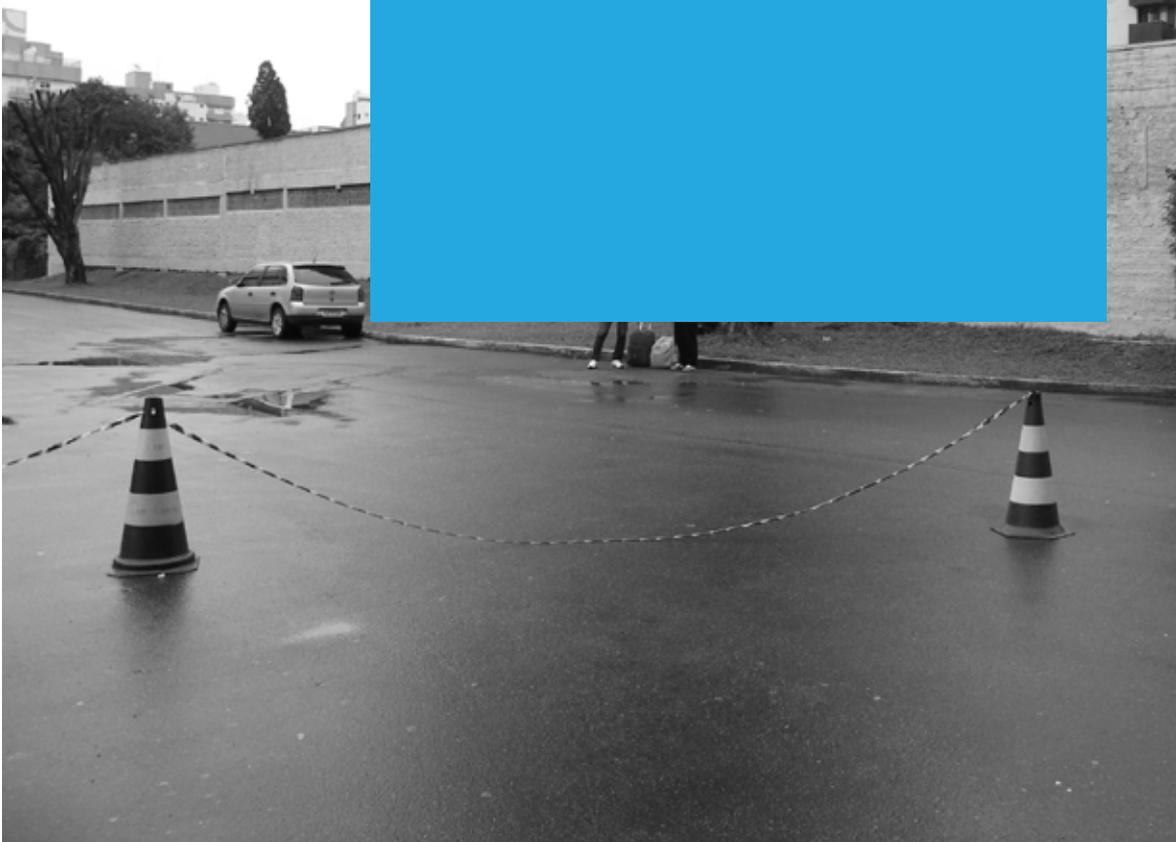
Há uma discussão iniciada com o Grupo Comando Selva (grupo de Hip-Hop), formado por MC's que desenvolvem um trabalho musical nos Arcos da Lapa, na intenção de conjuntamente implementarmos algumas iniciativas no Alemão. Tudo ainda se encontra no campo das idéias, ainda não foi dada a largada principal que é a execução das ações, mas serão projetos inovadores na área musical com base em manifestações culturais urbanas, em particular o Rap.

#### PARCERIAS NAS ESFERAS GOVERNAMENTAIS

Atualmente o Instituto Raízes em Movimento está dialogando com a Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro - SeC RJ na intenção de fortalecer os laços de parceria entre as duas instituições. A SeC já é responsável pelo apoio de três projetos executados pelo Instituto Raízes em Movimento: Graffiti (nova turma do Tintarte), Fotografia e Círculo de Leitura.

- Graffiti: a idéia é aproveitar aquilo que já foi implementado nas edições do Tintarte e ampliar para novas possibilidades a partir da prática do Graffiti;
- Fotografia: na interface do projeto PAC e financiamento do PRONASCI, iniciou-se em 2009 o Projeto Memórias do PAC que tinha como principal objetivo fazer um registro fotográfico artístico das transformações sofridas pela comunidade durante o período das obras do PAC.
- Círculo de Leitura: estimular a leitura é o foco desta iniciativa que já passou pelas comunidades do Complexo do Alemão em diversos momentos e espaços que possibilitaram a integração, principalmente, do público infanto-juvenil no projeto.

Nós do INSTITUTO RAÍZES EM MOVIMENTO temos como missão promover o desenvolvimento humano, social e cultural do Complexo do Alemão e demais comunidades por meio da participação de atores locais como protagonistas desses processos, tendo como foco o fortalecimento e ampliação do capital social dessas comunidades.





## Centro Cultural

### A HISTÓRIA QUE EU CONTO

Em qualquer canto do mundo é natural que pessoas se sintam insatisfeitas ou desejam interferir na realidade onde vivem ou atuam, para isso, são motivadas, **a partir de um olhar crítico ou da necessidade local**, de criarem suas alternativas de sobrevivência.

Daí nasce uma nova história, de sujeitos e protagonistas que entram em ação criando, ou pelo menos, tentando criar um novo cenário, para uns utópicos, tendo em vista o drama real e aparentemente imutável.

Ao passo que para outros, renasce uma nova sensação que mescla esperança e otimismo com o desejo e a torcida para que tudo de certo, percebendo numa atitude cidadã o empreendedorismo social e cultural num campo fértil e ilimitado de talentos e qualidades infinitas, onde o primeiro desafio foi ter iniciativa, pois, os talentos já estavam à espera para agregarem os seus sonhos àquela ação primeira daqueles e daquelas que deram o pontapé inicial.

Para quem estiver lendo atentamente este texto será natural se identificar, dizendo:

-“Peraí” esta é a minha história! ou - Nossa, começamos assim!

Isto porque esta é uma história que diferentemente das historinhas de contos de fadas “não era uma vez”, ela é real e acontece durante um processo que toma força perpetuando-se, ou seja, sendo uma vez para cada um que contagia o outro, formando uma rede de experiências e experimentações contínuas e crescentes, onde cada indivíduo busca contribuir para que esta História seja Viva e Contada



com orgulho e pertencimento pelas próximas gerações.

É neste contexto onde surgem os “Três Loucos”, como se não bastassem as analogias existentes, mais uma vez a leitura nos obriga a mergulhar no universo literário remetendo aos Três Mosqueteiros, Três Patetas, Três Porquinhos, etc.

Enfim, Samuca, Jê e Binho, assim são reconhecidos os Três Loucos que concretizaram aquilo que aparentemente parecia um sonho impossível, criar um espaço agregador de sonhos e fomentador de realidades ao mesmo tempo!

Foi assim com a fundação do Centro Cultural A História Que Eu Conto, uma iniciativa que nasceu depois de dois anos de gestação, sendo meticulosamente planejada, através de reuniões ao ar livre, na calçada ou na casa de um ou de outro louco.

Cada pessoa escolhida para pensar que História seria esta, foi selecionada mediante o nível de sua “loucura” e sua trajetória de vida em vez de dotes curriculares. Bartolomeu, Oscar, Net. Logo, de três passaram-se para cinco, dez e em tão pouco tempo multiplicaram-se rompendo os muros invisíveis da comunidade do Complexo de Vila Aliança e Senador Camará, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

No início, **o maior desafio era encontrar um local que coubesse tudo aquilo que fora planejado**, um espaço físico para abrigar ações concretas. Foi quando em 2007, após uma operação policial, a Escola Municipal Austregésilo de Athayde fechou suas portas, transferindo-se para outro prédio, deixando para trás uma estrutura modesta, feita de três módulos de madeira e um terreno amplo que não tardou a despertar o interesse dos protagonistas desta história.

Do trauma vivido naquele dia em que a imprensa do mundo inteiro divulgava a cena cinematográfica do Helicóptero da polícia executando jovens, onde seus corpos rolavam morro a baixo, deixando o saldo de 14 mortes, à consolidação, ao ocupar e transformar aquele lugar num espaço de resistência e mudança de paradigmas. Eis a Fênix, símbolo e logomarca intencional e sugestiva em alusão aos propósitos do Centro Cultural.

Foram realizadas articulações junto às secretarias municipais



de educação e cultura, em junho de 2008. Porém, a burocracia somada ao risco de invasão do prédio escolar. Ou pior, a possibilidade de torná-lo um logradouro político, e a ansiedade e vontade de colocar a mão na massa, após dois anos, impeliram os fundadores do Centro Cultural, A História Que Eu Conto, a ocuparem o prédio no dia 23 de junho de 2008, às 7 horas de uma manhã chuvosa e fria.

A ocupação se deu de forma ordenada, seguindo o que rege o Estatuto da Cidade, dando funcionalidade a um espaço público que não contribuía com o desenvolvimento da comunidade.

Os órgãos públicos, sobretudo, as secretarias municipais antes acionadas, foram devidamente informadas daquela ação. Desde então, iniciou-se uma articulação consistente que muito embora cansativa, fora agregando colaboradores de diversos segmentos sociais para ajudar na aquisição da Cessão de Uso do espaço.

Um ano se passou, a esta altura, mais de 400 pessoas entre crianças, adolescentes, jovens e adultos participaram das atividades no Centro Cultural A História Que Eu Conto, que oferecia, com a contribuição de doação e mão de obra voluntária, as oficinas de Graffiti, Teatro e Reforço Escolar, além da Biblioteca Comunitária Quilombo dos Poetas e da Exposição sobre o Negro na Cultura Popular Brasileira. Iniciativas existentes antes da instituição, realizadas por seus fundadores.

Cada um fazia e continua a fazer até os dias atuais, muito mais do que apenas sua parte, pois foi percebido que não bastava cada um fazer a sua, isto seria insuficiente. À medida que chegava um novo voluntário, novos sonhos, novas ideias eram acrescentadas àquele ideal. Muitos parceiros, pessoas físicas e jurídicas, ajudaram a ecoar as vozes daquela História que estava sendo contada na prática.

Uma iniciativa predominante para dar visibilidade dentro e fora do Complexo de Vila Aliança e Senador Camará foi a Rede Comunitária, fomentada por Luiz Fernando Sarmiento e Gilberto Fugimoto, do SESC RIO, entre os benefícios foi a possibilidade de oferecer aulas de Educador Social com Michel Robim e conhecer inúmeras pessoas e instituições, entre as quais o UNICEF, participando atualmente da Plataforma dos Centros Urbanos.

Uma parceria proveniente destes parceiros foi a do Cunca Bocaiúva, onde possibilitou a participação no Pro-





jeto Acesso à Justiça e à Cultura de Direitos, do Núcleo de Direitos Humanos da FASE. Outras parcerias a ressaltar são: a Associação Pro Melhoramentos de Vila Aliança, da Associação Comercial e Empresarial de Bangu, do Instituto Terra Azul e do CIESPI, BEG TV, Colégio e Curso ASA e Colégio Oliveira Galeno, ambos acreditaram na proposta do Centro Cultural desde o começo.

Através de editais públicos o Centro Cultural A História Que Eu Conto pode captar seus primeiros recursos para estruturar oficinas que desdobrariam na criação de uma Estamparia, Confecção e Ilha de Edição. Patrocínios da Casa da Moeda do Brasil para Graffiti e Teatro (2008-2009); recursos da FASE para a realização do I Seminário de Desenvolvimento Local do Complexo de Vila Aliança e Senador Camará (2009); Cine Mais Cultura para o “Cine Visão Coletiva” (2009) e da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro junto ao Ministério da Cultura contemplando com o Ponto de Cultura “A História Que Eu Conto Com Arte”. Em 2010, novamente pela Casa da Moeda do Brasil os Projetos “Nossa História Tá na Moda” e “Visão Coletiva” possibilitaram a realização das oficinas de Corte e Costura; Modelagem; Estamparia e o segundo será de Produção Áudio Visual.

Atualmente o Centro Cultural A História Que Eu Conto possui uma equipe formada por 18 voluntários que se dedicam integralmente à missão de Trabalhar pelo Desenvolvimento do Complexo de Vila Aliança e Senador Camará, pela **democratização do acesso ao conhecimento e à pluralidade cultural**. Em março de 2010, conquistamos a Cessão de Uso do espaço após dois anos de luta. Uma vitória comemorada por todos e todas que se dedicam e acreditam nas sementes plantadas hoje, que as próximas gerações hão de colher.

Por fim, haja vista a curta trajetória desta instituição que em dois anos personificou seu papel de dar sua contribuição à sociedade de acordo com a constituição federal de 1988, cumprindo seu dever, **atuando em defesa e promoção dos direitos humanos sociais**, é uma prova de que a sociedade civil organizada e engajada pode e deve sim ser vista e respeitada por seu protagonismo social. Sendo ora a extensão das políticas públicas e outrora a única ação concreta desenvolvida em determinada localidade, que, por inúmeras razões, não tenha sido contemplada pelo poder público.

# GRUPO CULTURAL COCHICHO na COXIA

Somos o Grupo Cultural Cochicho na Coxia, formado por estudantes e profissionais de Produção Cultural, Artes Cênicas, Letras e História, atuando a mais de sete anos no cenário cultural do município de Mesquita e Grande Rio, com Projetos Teatrais, aliando cultura e entretenimento para o público geral.

Iniciamos o grupo com três integrantes, Michelle Machado, Renato Penco e Thaissa Vasconcellos e nos dedicávamos somente aos trabalhos realizados nas escolas. Com muita dificuldade, fazíamos as apresentações em escolas de todo o Rio e Grande Rio. Ao longo do tempo fomos ganhando experiências e amadurecendo na forma de trabalhar. Hoje o grupo conta com uma média de doze atores fixos trabalhando em projetos e espetáculos diferentes.

Atualmente realizamos espetáculos teatrais a preços populares em escolas públicas e particulares para a formação de plateia e estímulo a linguagem teatral como reforço escolar; criamos projetos de Contação de Histórias como incentivo à leitura, para a formação de novos leitores; outra forte ação é o Teatro Educativo que a partir de um tema solicitado, elaboramos o texto a partir de pesquisas e entrevistas, onde buscamos preparar os atores para que se apresentem com segurança e esclarecimento na informação e apresentação ao público.

Em 2004, levamos uma proposta de Oficina de Teatro gratuita para a Biblioteca Comunitária Oscar Romero, sendo o início da transformação do espaço. Este curso livre resultou num belo espetáculo e desde então os moradores passaram procurar o espaço pela oficina de teatro. Com



toda dedicação, o integrante Renato Penco se candidatou Presidente da Associação e desde então, junto com os integrantes desenvolvemos no Centro Cultural Oscar Romero um projeto de revitalização para estimular a visitação e participação da comunidade.

Encarando as dificuldades da falta de Teatro no município ou espaço adequado, desde abril de 2009 iniciamos um intenso trabalho de formação de plateia adaptando nosso espaço de ensaios, com cortinas, refletores e cadeiras – essa doada por uma empresa - para acomodar a plateia. Passamos a contatar os comerciantes locais, para patrocinar os custos da temporada, pedindo pequenos valores em dinheiro para custear o material de divulgação. Com todo esse empenho, hoje contamos com empresários e comerciantes que reconhecem e confiam em nosso trabalho, renovando a parceria a cada espetáculo novo em cartaz.

Sempre procurando parceiros para implementar as ideias e os projetos, criamos o CINEOTECA – CIDADANIA NA TELA. Projeto de Cinema seguido de debate com temas atuais. A Ong FASE/SAAP foi a primeira a acreditar e incentivar.



Com a vinda do Projeto, além da compra do equipamento para as exposições, conseguimos doações de tintas e materiais, para um grande mutirão de reforma do espaço físico, que fizemos com o Grupo de Teatro, amigos do espaço e moradores da rua. Isso tudo foi para revitalizar a casa, e deixá-la mais bonita e confortável para receber novos visitantes. Esse projeto foi o pontapé para essa revitalização, que envolveu visitantes, moradores da rua e sócios da biblioteca. Fizemos o lançamento na rua, em frente à Biblioteca, com apoio da Secretaria de Cultura do Município, reunindo amigos, moradores do bairro, e antigos sócios, e até a presença do Prefeito da Cidade.

Devido o grande sucesso, percebemos que as crianças em torno, tinham poucas opções culturais. Assim decidimos por conta própria, utilizando o mesmo equipamento comprado para o Projeto Cineoteca, criar o Projeto Cineminha, exibindo filmes infantis, potencializando o espaço e oferecendo entretenimento para o público infantil. Além do Cineoteca, criamos as oficinas artísticas, a preços populares para atrair o público.

Numa tentativa, convocamos os artistas e grupos que trabalham arte na cidade para as reuniões de formação do Fórum Municipal de Cultura. As reuniões aconteceram na Oscar Romero, porém estávamos em período eleitoral e alguns grupos estavam envolvidos com campanha, interrompendo o processo e por motivo de força maior, não pudemos estar mais à frente. Com isso, as reuniões não tiveram desdobramentos.

Outra luta nossa é o tão sonhado Teatro Municipal tendo a necessidade de local para as apresentações, atualmente busca parceiros para



adaptar um dos espaços do centro cultural no 1º Teatro de Bolso de Mesquita. Além da Fase/Saap, que contribuiu para adaptação do espaço, conseguimos contatar uma empresa local para patrocinar os outros custos.

Ao longo dos sete anos, conseguimos muitas conquistas e com todas elas aprendemos a dialogar com outros grupos e entidades a fim de trocar experiências e identificar possíveis parceiros. Tudo isso fez parte de um grande amadurecimento que nos permitiu dialogar com essas instituições construindo novas possibilidades de parcerias.



# ANTI CINEMA

O Coletivo Anti Cinema é um grupo oriundo da Baixada Fluminense, idealizado por produtores culturais e pessoas que estudam cinema na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro.

O Coletivo Anti Cinema surgiu em 2006, em um evento realizado no SESC de São João de Meriti, no Projeto Cinema com Batuque. No início de sua idealização, seus trabalhos eram realizados com máquinas fotográficas e celulares e, no ano de 2008, tiveram o prazer de realizar com o músico Marcelo Yuka o filme denominado “O Filme do Roubo do Roubo da Loja de Filmes”. Filme este que concorreu no Festival de Gramado aumentando assim a difusão ideológica e criativa sobre novas mídias criadas pelo Coletivo Anti Cinema.

Durante todos esses anos muitas oficinas foram realizadas. Dentre elas, oficinas em Chapmalal Argentina, em 2007, e Assuncion Paraguay, em 2008, e Iguatu – Ceará, em 2009. Sendo convidado a países da Europa tais como Holanda e Inglaterra para multiplicarem o conhecimento e técnica descoberta por estes jovens de como possibilitar novos meios de criação audiovisual, valorizando a pesquisa por diferentes suportes, novas ferramentas de filmagem, tudo isso misturado ao cinema documental e de análise antropofágica de Dziga Vertov, Glauber Rocha e Rui Guerra.

O Coletivo Anti Cinema *atua nos dias de hoje em diversas comunidades do Rio de Janeiro* difundindo o conhecimento sobre as mais diferentes mídias. Seja ela fotográfica ou audiovisual, além de realizar ofici-





nas como as pensadas desde o início do projeto com os mais diferentes suportes de mídias, sejam eles celulares, máquinas fotográficas até câmeras como HDV, Red One e 5D. *Somos pesquisadores e realizadores*, e junto a estes princípios procuramos fazer com que em todas as nossas oficinas possamos valorizar o processo de identidade local e cultural vivida pelos participantes, respeitando as possibilidades que possam ser realizadas no pós projeto. *Os participantes escolhem e conhecem desde o roteiro de filmagem até os mais diferentes movimentos de câmera*, formatos de filmagem e análise filmitica. Todos os filmes produzidos nestas oficinas são exibidos em festivais de cinema e cineclubes pelo Brasil e outros países, criando assim um diálogo através de trabalhos parecidos com o do Coletivo Anti Cinema. Valorizamos os pensamentos de Mestres como Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Luiz Carlos Prestes e, nosso grande estimulador e amigo, Marcelo Yuka, que nos dá ajuda em palavras e ações por algo diferenciado e coletivo.

Hoje o *Coletivo Anti Cinema é fonte de inspiração de outros grupos que pensem com este coletivo diferenciado*. Além de ser convidado a desenvolver palestras, oficinas e seminários sobre o poder da inclusão digital nos dias de hoje, de ser um coletivo respeitado por pessoas de nome no mercado audiovisual e cinematográfico do Brasil, por resgatar a história do país em seus trabalhos documentais e alertar os problemas sociais através de seus filmes de ficção.

Junto a todos estes trabalhos, o Coletivo Anti Cinema luta junto com os cineclubes da Baixada Fluminense para a difusão gratuita e colaborativa desses espaços que podem ser considerados Qui-

lombos Digitais e artísticos para as demais denominações artísticas, seja ela local e/ou regional.

Vamos desde o Rap ao Repente, passando pelas apresentações circenses e documentos audiovisuais, que tem como fio condutor a expressão jovem e o ativismo por novos acessos à Inclusão Digital. E é na rede que acreditamos na cooperação que realizamos. O coletivo Anti Cinema hoje é considerado o coletivo dos coletivos na Baixada Fluminense, pois traz consigo o Centro Cultural Donana, Cine Rock, Cine Clube Digital, Cinema com Batuque e Cine Clube 360° e os diversos Mc's que trazem consigo um discurso inflamado sobre os mais diferentes temas pertinentes as questões territoriais e culturais do nosso estado e país. Hoje os trabalhos estão se espalhando para o mundo e acreditamos que a cooperação, a vontade de fazer a diferença, e o suor, nos fizeram e nos fazem, somos um grupo com a participação de outras pessoas que se reconheceram e quiseram somar neste frente em que as questões sociais e democráticas se tornam o primeiro plano. Esta é nossa visão de trabalho conjunto e diferenciado, um coletivo que fale por muitos e que esses muitos falem por nós nesta causa. Pensamos em todos os momentos de realização de um filme que vai desde o momento de roteirização, decupagem de cena, roteiro de perguntas, nomeação da equipe de filmagem, lista de equipamentos a serem usados, linguagem a ser abordada na obra, fotografia a ser usada, narrativa, montagem, edição e exibição.

**Em todos os momentos acreditamos nessa questão onde o cinema se faz como coletivo e processo de realização organizada.**

E isso é confirmado através de nossos cineclubes que chegam a ter de 600 a 200 pessoas por evento. Isso nos mostra o respeito comunitário e o reconhecimento junto a nossas obras audiovisuais. E fortalece,





ainda mais, as possibilidades de que um cinema diferenciado Brasileiro e Anti consumista é possível.

É necessário inovar, criar e possibilitar meios para que tenhamos continuidade de algo que tem como objetivo principal o coletivo. Pensar e fazer cinema é possível, cinema não é arte para poucos é arte para todos, é linguagem de possibilidades de sonhos, visões e realizações e que este trabalho realizado no coletivo será visto por outras pessoas, que se reconheceram com o tema abordado e, que será um principal fomento para que outras pessoas tenham uma iniciativa coletiva.

Marcio Hermínio/ André Tertuliano/ Marcus Aurélio/  
Josy Antunes



# GRIÔTS

“Quando eu era pequena ficava com a minha irmã sentada diante da televisão com toalhas de banho na cabeça para imitar os longos cabelos das atrizes”

Era outubro de 2003, um grupo de aproximadamente 25 jovens na cidade de São João de Meriti, na Baixada Fluminense. São convidados à embarcar numa transatlântica viagem cultural de (re)visitação cartográfica das Áfricas em nós.

Embora fosse primavera e o grupo composto por uma maioria de jovens negros e negras, as discussões sobre identidade étnico-racial eram sempre que possíveis evitadas e/ou permeadas por doloridas e silenciadas histórias de preconceitos e racismos.

É bem verdade que uma parte significativa deste grupo de negros e negras não se identificava como pretos, sim como escurinhos, marronzinhos, moreninhos, bombonzinhos, e outrosinhos num jogo de matiz, que deixava claro (com trocadilhos) a importância de refletir sobre os processos de embranquecimento neste país verde e amarelo.

Tornar público esta presença e identidade negra, mesmo que afirmativamente, era motivo de grande desconforto, tanto para os negros e negras, quanto para os não negros e negras participantes do grupo.

Durante este processo de provocações, alguns jovens deixavam claro (sem trocadilhos) que não estavam ali para esta discussão, enquanto outros saíam por motivos diversos. Mas a maioria ficou, disposta a enfrentar o desconforto da caminhada poética sabendo que “Tinha uma pedra no meio do caminho!”

A árvore genealógica que produziu as histórias que instituíram as identidades de cada um neste aspecto, tinham raízes fincadas nos processos de escravização, o racismo no tronco e florescia sob um imaginário social que impunha e perpetuava sentimentos de autonegação, exílio e aprisionamento aos porões (senzalas interiores) como

*(Cristiele diz isso enquanto esboça um choro/riso de consciência crítica, no momento em que a vivência na companhia já lhe dá a exata noção do violento significado deste perigoso jogo de identidade, mídia e negação no Brasil)*

reflexo da sobrevivência em negros territórios, dentro, senzalas urbanas da nossa contemporaneidade.

A proposta que tínhamos convidava a trabalhar no aqui e agora para rever e reescrever esta cartografia pesquisando desde o nosso universo familiar e comunitário a todos os referenciais culturais, literários, que pudéssemos alcançar.

Neste momento, um ditado africano nos surge como um marco referencial: *“Até que os leões possam contar suas próprias histórias, as histórias de caça vão sempre glorificar o caçador”*

A inspiração nos Griôts Africanos nos chega pela importância e representação histórica que eles têm a partir da África Ocidental, e, por suas habilidades com a palavra, a arte e a mediação de conflitos.

Por tanto mediar relações entre anciões, crianças e outros jovens dentro do nosso território tornou-se uma importante ação para cada um destes jovens Griôts como “circuladores de saberes”

*“Minha mãe sempre chamou a atenção o fato de termos uma boca e dois ouvidos para aprender o bom uso da fala e aprender escutar dentro e fora de nós mesmos” (Cesar Marques)*

Uma das primeiras missões dos jovens como recolhedores foi escutar novamente as histórias que ouviram de seus pais e avós e aprender a reconhecer nestes saberes, falares e sentires, elementos existenciais de uma visão afro-brasileira de mundo.

*“Só aprende, quem respeita” (ditado Nagô)*

Foi surpreendente perceber a relação de muitos ao verem algumas histórias e visões relatadas sendo comparadas com importantes autores e livros que tratavam das mesmas questões filosóficas.

A experiência foi tão estimulante que em seguida os jovens elaboraram um pequeno projeto ao Saap/Fase para ouvir anciões da comunidade onde a companhia ensaiava e produziram um DVD, que veio a ser chamado de MEMORIA VIVA.

O DVD foi apresentado em várias escolas da região e os jovens da companhia mediarão os vídeos debates aprendendo a respeitar a maneira como esses anciões produziram história, conhecimentos e valores materiais e imateriais dentro das comunidades.

Durante a pesquisa, produção e exibição do vídeo Memória Viva, os jovens perceberam também valores da tradição oral africana, em contraste com o descaso brasileiro com a chamada terceira idade.

As dimensões da cosmovisão africana se presentificando nas comunidades de terreiro (ainda escondidos e marginalizados) atuando como importantes espaços de sincretismos e resistência cultural, dentro de territórios com franca ampliação de violências simbólicas e intolerância religiosa deflagrando guerras, gritos surdos, fé cega, faca amolada!

A companhia adquire também neste processo, um pequeno acervo de literatura infanto juvenil afro-brasileira e começa a se dedicar à mediação de leitura com

crianças e adolescentes em escolas públicas e adaptações de livros para encenação teatral.

As rodas de leitura que eram sempre apresentadas por uma boneca negra chamada por eles de Yalodê ou Dandara, ou outro nome africano que pudesse surgir na hora para um ritual de rebatizamento e, retorno às identidades perdidas no atlântico processo de escravização.

Nestas rodas, os jovens se deparam com o estranhamento e a surpresa das crianças ao entrar em contato com a boneca negra, com a imagem de personagens negros nas histórias contatadas, e principalmente, com a imagem e o protagonismo dos próprios jovens negros e negras mediando leituras, contando e fazendo histórias.

Estas ações vão aumentando progressivamente a responsabilidade dos jovens com suas identidades individuais e coletivas.

Se tomarmos por referência a jovem Cristiele do griffo inicial, vale dizer que o conceito ético/estético de sua imagem muda radicalmente quando mediando rodas de histórias e leitura tem a exata noção do negro olhar espelhado nos olhos das crianças e adolescentes ao vê-la encantando as histórias, fazendo girar a roda, tirando as pedras do meio do caminho.

*“Quando eu crescer quero ser sabida e bonita igual a ela”  
(diz uma menina negra com olhos de jabuticaba, após uma roda)*

Mesma forma, Cristiele e Cristiane (sua irmã) são tomadas por essa consciência coletiva quando ano passado ingressaram na universidade. Eram as primeiras de uma geração familiar, filhas de uma empregada doméstica que as criou sozinha. Sabiam que era necessário a consciência histórica para perceber que estavam alargando os portões, abrindo porões e desenhando sonhos reais de horizontalizar e denegrir nossas universidades.

A companhia veio se constituindo como uma forte referência para os diálogos da educação das relações raciais nas escolas públicas e comunidades da Baixada Fluminense e toda região metropolitana do Rio de Janeiro, principalmente no que diz respeito à integração das crianças, adolescentes e jovens às ações afirmativas em busca de uma escola mais democrática, pluriétnica e multicultural

Em 2009, a companhia foi uma das organizadoras da 1ª Jornada de educação para promoção da igualdade racial na Baixada Fluminense, (21, 22 e 23/03) que articulou um público médio de mil pessoas/ dia com a participação de diversos especialistas na temática e presença do Ministro da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, Sr. Edson Santos.

A Jornada aconteceu dentro do projeto TEPIR (Territórios de Educação para Promoção da igualdade Racial) onde a companhia atuou na formação de jovens e professores num projeto que mobilizou cinco escolas públicas municipais e estaduais com rodas de histórias, mediação de leitura como subsídios para implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08.

Hoje, a companhia tem um “problema bom”, qual seja: a dificuldade de organizar agendas comuns e de atuação nas escolas, porque a maioria da companhia ingressou na universidade em 2008/09 e 2010.

As ações são recriadas a partir de pequenos grupos para facilitar a organização dos horários para cumprir os compromissos e o investimento na formação de novos jovens dentro dos grupos que atuam nas escolas públicas Estaduais e Municipais onde mantemos os projetos.

Estas ações, que foram se constituindo progressivamente, permitiu a companhia definir suas áreas de atuação em quatro movimentos, quais sejam:

*1º Movimento -TERRA: Os jovens recebem formação de história (Brasil-África) técnicas circenses, contação de histórias, música, danças e folguedos de origens afro-brasileira.*

*2º Movimento: AR - Aprendem a ouvir, valorizar e recolher histórias com os anciãos de suas comunidades.*

*3º Movimento: ÁGUA - Partilham as histórias implementando paralelamente oficinas de artes e literatura com crianças e adolescentes nas escolas e comunidades.*

*4º Movimento: FOGO - Produzem espetáculos e participam de fóruns, conselhos e movimentos ligados à promoção e garantia de direitos das crianças, adolescentes, jovens e negros.*

Companhia de Jovens Griôts da Baixada Fluminense  
"Encantadores de histórias e mediadores de leitura"

O objetivo, ao partilhar as histórias, é contribuir para o fortalecimento do imaginário, das identidades e do respeito às diferenças entre crianças, adolescentes e jovens negros e não negros.

A companhia desenvolve um sentido ético e estético de atuação pautada no respeito à alteridade, combate ao racismo, a intolerância e o preconceito numa perspectiva weberiana de reencantamento do mundo e resistência cultural.

Além das histórias contadas de "memória afetiva" como na tradição oral, a companhia faz leituras de livros e montagem de espetáculos com as histórias dramatizadas.

A "contação de histórias" é a teia de comunicação e sinergia que integra técnicas circenses, músicas, danças e folguedos de origens afro-brasileira.

A companhia tem produzido metodologias de mediação de leitura, contação de histórias, histórias dramatizadas, espetáculos teatrais e vídeos com anciões.

Ações

*1 - Instrumentalização de jovens negros e não negros para o desenvolvimento de ações de combate ao racismo, preservação da cultura e tradições afro-descendentes.*

*2 - Formação de jovens multiplicadores de cidadania cultural atuando como mediadores de leitura e contadores de histórias.*

*3 - Desenvolvimento de pesquisas com anciões das comunidades interligando histórias individuais e coletivas na construção dos espaços de convivência social.*

*4 - Implementação de oficinas educativas sobre sentidos de identidades e alteridade com crianças negras e não negras*

*5 - Promoção de espaços de integração escola/comunidade envolvendo diversos atores (crianças, adolescentes, jovens, lideranças comunitárias, religiosas etc.)*

*6 - Promoção de eventos que possibilitem a troca de experiência e o ecoar do pensamento da juventude sobre as relações nas cidades.*



# MariaMULHER

ORGANIZAÇÃO  
DE MULHERES NEGRAS

## **A carne**

*(Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette)*

*A carne mais barata do mercado é a carne negra  
Que vai de graça pro presídio  
E para debaixo do plástico  
Que vai de graça pro subemprego  
E pros hospitais psiquiátricos  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
Que fez e faz história  
Segurando esse país no braço, meu irmão.  
O gado aqui não se sente revoltado  
Porque o revólver já está engatilhado  
E o vingador é lento, mas muito bem intencionado  
Esse país vai deixando todo mundo preto  
E o cabelo esticado  
E mesmo assim, ainda guardo o direito  
De algum antepassado da cor  
Brigar por justiça e por respeito  
De algum antepassado da cor  
Brigar bravamente por justiça e por respeito*

O risco de um jovem negro ser vítima de homicídio no País é 130% maior que o de um jovem branco, segundo o Mapa da Violência - Anatomia dos Homicídios no Brasil, estudo que compreende o período de 1997 a 2007 e que foi divulgado pelo Instituto Sangari, com base nos dados do Subsistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde.

(\*)Por que isso Acontece?

O Racismo como estratégia do capitalismo explica isso:

O racismo dito científico – porque se baseava sobre a ciência, acompanhando o desenvolvimento tecnológico e industrial- estruturou-se na segunda metade do século XIX, transformando-se na ideologia justificadora da dominação dos países capitalistas centrais sobre os países da África, Ásia e América Latina.

- Josef A. Gobineau – 1816-1882:

Em 1855, expõe a tese da superioridade inata das raças brancas e louras (arianas) sobre todas as outras.

- Cesare Lombroso – 1835-1909

Com o objetivo de demonstrar a relação entre as características físicas dos indivíduos e sua capacidade mental e propensões morais, criou a antropologia criminal, com base na frenologia (medição da cabeça) e na antropometria (formato do crânio). Onde os sianis físicos do criminoso eram bastante próximas ao da etnia negra.

- Nina Rodrigues – 1862- 1906

Professor de medicina legal na Bahia - foi um dos introdutores da antropologia criminal, da antropometria e da frenologia no país. Em 1894, publicou um ensaio sobre a relação existente entre as raças humanas e o Código Penal, no qual defendeu a tese de que deveriam existir códigos penais diferentes para raças diferentes. Segundo ele, no Brasil o estatuto jurídico do negro devia ser o mesmo de uma criança.

- O Negro como sujeito de direitos:

• O escravo, como “coisa”, não tinha personalidade jurídica civil.

• Na esfera penal, era considerado diferentemente: se fosse autor de um crime, poderia ser julgado (adquiria personalidade jurídica); como vítima, seu agressor poderia ou não ser julgado a depender do dano à propriedade.

- A criminilização “do ser negro”:

- Em 1850, o Exército Brasileiro recebe a função de caçar e devolver aos engenhos os negros reunidos nos quilombos;
- Em 1890, o Código Penal da República tornará crimes, punidos de prisão: a capoeiragem, a mendicância, a vadiagem e a prática de curandeirismo. A maioria penal é baixada, de 14 para 9 anos. Com estes crimes, a principal função da polícia das cidades – estruturada nos primeiros anos da República – é a de prender a população negra, principal alvo dos novos tipos penais.
  - O quadro atual:
  - O trabalho de pesquisa(\*\*) parte do conceito da violência estrutural como “as condições adversas e injustas da sociedade para com a parcela mais desfavorecida de sua população” e do racismo institucional para questionar se, entre os policiais militares, a cor é o principal fator de suspeição.
    - cor da pele como principal fator de suspeição:
    - Através de uma pesquisa que incluiu aplicação de questionários a policiais profissionais e em formação e a análise dos boletins de ocorrência de 07 unidades da PM, o autor conclui que a maioria dos policiais (65% dos profissionais e 76% e 74% dos alunos do CFO e CFSD, respectivamente) percebem que os negros são priorizados nas abordagens.
      - Nesta percepção dos policiais, o suspeito é predominantemente jovem, masculino e negro.
      - Conclui também que a abordagem policial também reflete uma relação de poder, em que os menos esclarecidos são sistematicamente selecionados.
      - Portanto, a pesquisa comprova que a cor da pele é o principal fator de suspeição entre os policiais militares de Pernambuco.
        - E podemos afirmar que não é diferente em outros estados da União.
        - O que varia é o percentual de jovens vítimas do racismo institucional.

Fonte: Observatório Negro: População Negra e Segurança Pública

\*Fonte: “Racismo, a ideologia do colonialismo”, Augusto César Buonicore

\*\* Dissertação de mestrado em Ciência Política na UFPE, de Geova da Silva Barros, oficial da Polícia Militar, defendida em fevereiro de 2006



Dizem que a juventude é a esperança da humanidade. Mas como entregar-lhe fardo tão pesado quando diariamente a sociedade a impede de ter acesso ao mínimo de condições para o êxito dessa tarefa?

O que é ser jovem numa sociedade que discrimina? Esta é uma pergunta pertinente.

Como são vistos pela sociedade, como se relacionam com os símbolos próprios da ancestralidade e que ações a sociedade pode desenvolver para a construção da identidade étnico-racial desses sujeitos.

MARIA MULHER-Organização de Mulheres Negras, fundada em 08/03/1988 vem juntamente com a FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA desenvolvendo projetos para juventude negra da Vila Cruzeiro do Sul e Quilombo Urbano dos Alpes.

O projeto que já está em sua segunda edição tem como objetivo trabalhar na conscientização da juventude negra sobre as diferentes formas de exclusão social e contribui na organização dos jovens em suas comunidades, desenvolvendo cursos de formação para a cidadania e de estímulo ao protagonismo juvenil negro.

Sabemos que essa juventude não é homogênea e dentro dela existe uma diversidade de juventudes que tratam de maneira distinta os símbolos próprios das africanidades.

Estamos apenas começando e com certeza nossa parceria com a FLD irá cada vez mais fortalecer-se.

“Será preciso que a juventude negra grite, cante, denuncie para que a sociedade brasileira compreenda que o recorte racial nos possibilita a enxergar que os condicionamentos sociais e políticos incidem de maneira diferente sobre os jovens negros e brancos ”

(GOMES, 2002, p.73)

MARIA MULHER-Organização de Mulheres Negras



# movimento De consciência negra PALMARES

Fundado em 08 de janeiro de 1986, é uma entidade não governamental, com caráter sócio-educativo, assistencial, filantrópico, científico, inspirada nos valores fundamentais do homem e da mulher. Sua sede fica na Rua José Bonifácio, 634, centro São Leopoldo, Estado do Rio Grande do Sul.

Atua em várias frentes tendo como

## eixo central de sua intervenção as questões sociais e a superação do racismo.

Luta contra a discriminação racial e qualquer forma de preconceito, bem como promove a conscientização da sociedade em geral, especialmente dos(as) afro-brasileiros(as) promovendo os direitos individuais e coletivos constantes na Constituição e demais legislações brasileira e internacionais.

Estabelece redes de discussões entre organizações do Movimento Negro e do Movimento Social ligados a luta contra a discriminação social e racial. Estabelece parcerias com entidades civis, educacionais e governo.

Desenvolve projetos sociais com todas as faixas etárias tendo como público especialmente crianças, jovens e adolescentes e mulheres.

Nosso sonho: que tenhamos uma sociedade que respeite a diversidade cultural, as diferenças fenotípicas, de gênero, de faixa etária, de opção sexual, de pessoas com deficiência, que superemos esta sociedade altamente discriminadora

**e que possamos construir  
um mundo com direitos  
humanos na sua forma  
mais simples e universal:**

a da vida em sua totalidade.

# GRUPO Conexão G

O Grupo Conexão G, criado em 2006, tem se destacado na defesa da população LGBT (Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti e Transexual) moradora do Complexo de Favelas da Maré. Desde o seu surgimento, diversas ações voltadas para esse público e para a discussão da epidemia do HIV/Aids já foram realizadas pelo Grupo. Além de empreender ações organizadas exclusivamente pelo Conexão G, também temos procurado realizar atividades com outras instituições, **encontrando novos parceiros na luta contra a homofobia** e no reconhecimento da cidadania da população LGBT favelada. Relatamos, a seguir, as nossas atividades, parcerias e conquistas nos últimos anos.

## **Ações, conquistas e parcerias**

Tendo como um dos seus eixos a inserção no cenário político com o objetivo de interferir e formular políticas públicas, o Grupo Conexão G tem realizado capacitações junto a profissionais de saúde, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, e com estudantes da Graduação em Enfermagem da Universidade Castelo Branco. Outra atividade direta é a atuação no projeto "Acolher para incluir" realizado em uma das unidades de atendimento básico em saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro. Essas experiências têm sido importantes não apenas como espaço de formação para o público que participam das mesmas, mas também para a solidificação, formação e organização do próprio Grupo, pois aproveitamos essas oportunidades para o nosso aprendizado e para o estabelecimento de redes e parcerias com as instituições que nos convidam.



Além dessas “intervenções diretas”, o grupo tem procurado atuar em fóruns formuladores de políticas públicas com o intuito de levar a experiência e demanda da população LGBT favelada para esses espaços. Nesse sentido, o grupo esteve com o diretor executivo da UNAIDS, Michel Sidibé, para tratar das demandas e questões específicas da população por nós atendida, quando o mesmo visitou o Rio de Janeiro. Outra importante experiência foi a participação na criação do Plano Nacional de Enfrentamento da Epidemia de Aids e das DSTs entre gays, homens que fazem sexo com homem (HSH) e travestis para a região Sudeste e para o Estado do Rio de Janeiro. Se as atividades listadas no parágrafo anterior nos deram uma dimensão da gestão dos serviços públicos de saúde, esses encontros foram cruciais para conhecermos o modo como a mesma é planejada e podermos interferir nisso.

Como mudanças significativas, destacamos a própria incorporação da temática população LGBT favelada na pauta dessas instituições e encontros listados anteriormente. O fato de recebermos convites ou participarmos desses fóruns/atividades constitui um evidente sinal do êxito que temos obtido ao chamar atenção para essa questão.

Ainda consideramos importantes avanços a realização do “1º Seminário da População LGBT moradora de Favelas: Refletindo Sobre Políticas Públicas para população LGBT moradora de Favelas” que contou com apoio das três instâncias governamentais, bem como de algumas ONGs. Nesse encontro pudemos reunir diferentes atores da sociedade em torno das nossas demandas e pensarmos algumas possibilidades de atuação. Também consideramos importante a sensibilização que o evento produziu junto a alguns atores que não conheciam a temática.

Diante desse cenário, o foco de nossa atuação tem se dado em três redes distintas: 1) Temos participado de diferentes fóruns do Movimento LGBT com o intuito de chamar atenção à especificidade de nosso público; 2) Com o Movimento de Juventude, temos buscado, inicialmente, marcar uma posição enquanto população LGBT, para, em seguida, chamarmos atenção para os favelados entre aqueles, e 3) Junto a Redes de Comunidades Saudáveis, temos buscado trabalhar a prevenção em saúde e, especialmente, as DSTs e o HIV/Aids. A participação nessas redes tem sido de grande importância para estabelecermos parcerias específicas com determinadas instituições e ampliarmos as nossas ações. São instituições parceiras, entre outras, a Redes de Desenvolvimento da Maré, o Centro de Promoção da Saúde, a Associação de Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro e o Departamento de DST/Aids da Prefeitura do Rio de Janeiro.



## Resultados

Diante desse cenário, o Grupo tem buscado atuar como uma referência para a população LGBT favelada e como um elo entre a mesma e setores externos à favela. Destacamos a conquista da nossa sede, a realização de seminários e a participação em redes como parte dessas ações. Contudo, lembramos ainda nossa atuação direta junto a base, com a distribuição de informação e preservativos para prevenção às DSTs e ao HIV/Aids, e o camêlô educativo. Também realizamos eventos especiais nos dias da visibilidade gay, lésbica e travesti com o intuito de estimular a autoestima e a cidadania dessa população.

**A Conexão G nasce com a missão de trabalhar na construção de um quadro político**, e de trabalhar com a incidência política e de pensar o espaço da Maré em uma perspectiva de longo prazo. Seu eixo conceitual é o Desenvolvimento Integrado do espaço local. Consciente da necessidade de mobilizar um número significativo de pessoas e de competências para essa imensa tarefa. O Conexão G, como expressa em seu próprio nome, **busca viabilizar uma ação coletiva e articulada**, de forma a construir um projeto plural, mas com forte capacidade de impacto. Neste sentido, uma das coisas que mais preservamos é a mobilização de diversos agentes sociais, moradores ou não da região, a fim de revelar-se para a elaboração de um projeto macro criativo, relevante, viável, duradouro e transformador da realidade local. Por isso acreditamos em uma frase do grande pensador, Bertold Brecht (1), que diz que “Nada deve parecer impossível de mudar”.

(1) <[http://www.pensador.info/autor/Bertold\\_Brecht/](http://www.pensador.info/autor/Bertold_Brecht/)>



# INSTITUTO Lenon



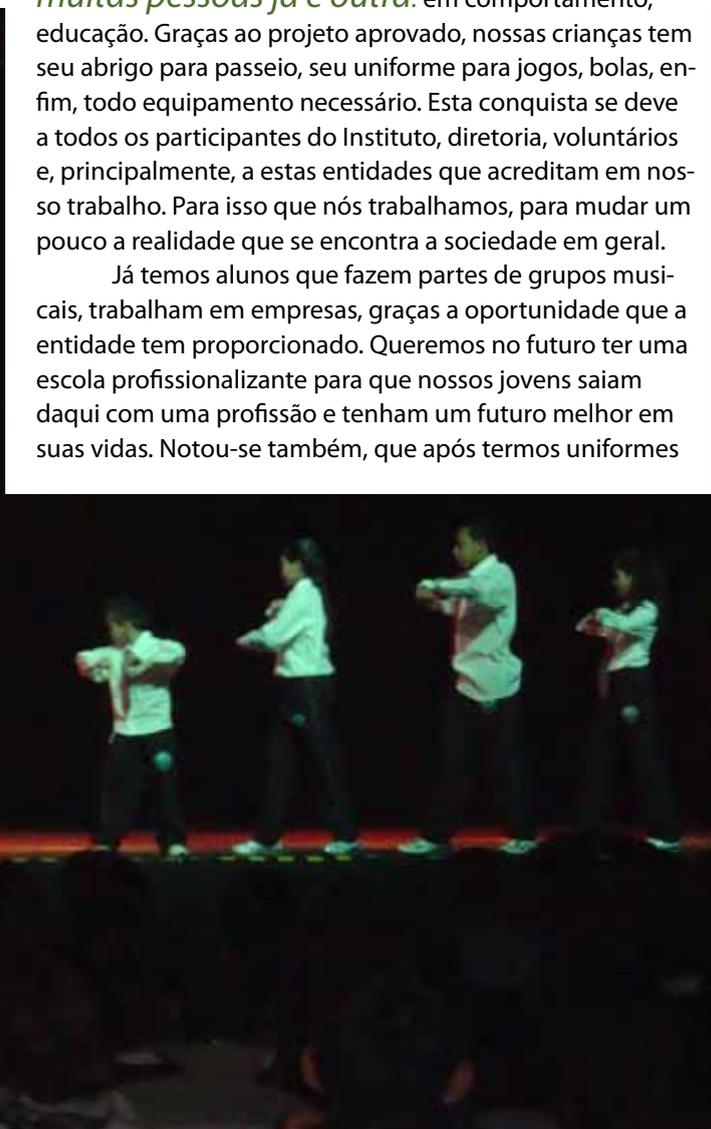
O Instituto Lenon nos seus três anos de existência já tem passado por muitas e muitas façanhas, após uma tragédia que aconteceu com o jovem Lenon Joel Backs, que lhe tirou a vida, mas sempre com coragem e dedicação consegue dar a volta por cima. A comunidade em geral, principalmente Nelci Dias de Menezes e seu amigo José Leopoldo da Rosa tomaram uma decisão, fazer algo, que essa barbaridade parasse de acontecer: assaltos, mortes, muita gente querida perdendo a vida e muito sofrimento das famílias.

Então, se resolveu criar a instituição, a qual hoje é referência no **município e região**. O Instituto Lenon começou com oficinas de violão, flauta,



futebol, entre outras. Hoje, temos quinze oficinas dentro do Instituto: informática, teatro, futebol, capoeira, violão, dança, flauta, artesanato, xadrez, gaita, teclado, sopro, bateria, biblioteca e cinema. Com o passar do tempo, o projeto aprovado para o esporte, em parceria com a FLD (Fundação Luterana de Diaconia), conseguimos realiza-lo: **Unindo Campo e Cidade**. Através do projeto, mostramos para nossos jovens e crianças a realidade que é o campo, a lavoura, e o que é viver na cidade. Foi dada a oportunidade de integrar jovens da cidade e do campo. Hoje, o Instituto vive outra realidade, a de ter conseguido alcançar um pouco do seu objetivo, que é tentar mudar a cultura do nosso povo e mostrar o que é a dignidade das pessoas e a valorização do ser humano. *A qualidade de vida de muitas pessoas já é outra*: em comportamento, educação. Graças ao projeto aprovado, nossas crianças tem seu abrigo para passeio, seu uniforme para jogos, bolas, enfim, todo equipamento necessário. Esta conquista se deve a todos os participantes do Instituto, diretoria, voluntários e, principalmente, a estas entidades que acreditam em nosso trabalho. Para isso que nós trabalhamos, para mudar um pouco a realidade que se encontra a sociedade em geral.

Já temos alunos que fazem partes de grupos musicais, trabalham em empresas, graças a oportunidade que a entidade tem proporcionado. Queremos no futuro ter uma escola profissionalizante para que nossos jovens saiam daqui com uma profissão e tenham um futuro melhor em suas vidas. Notou-se também, que após termos uniformes



identificados com a logo do Instituto fomos mais bem recebidos, em qualquer lugar que nos apresentamos, por que nossa comunidade, por ser de um bairro pobre e carente, não tinha seu devido valor. Quando chegávamos para jogar uma partida de futebol, sempre com aquela imagem de ser morador do Bairro São Miguel, mais conhecido como Vila Paim, pensava-se que por ser morador desse bairro, tinham que nos olhar com outros olhos.

Só faltavam oportunidades aos nossos jovens, tudo o que é ensinado eles aprendem com facilidade, mostrando assim que as crianças querem o limite. Estamos realizados com os alunos que temos, que chegam nos lugares, cumprimentam as pessoas, respeitam os mais velhos, não jogam lixo no chão e não ficam mais nas esquinas.

Quando não existia o Instituto quase todos os dias atiravam pedras nos ônibus, assaltavam tudo: caminhão de gás, padeiros, vendedores ambulantes, caminhões de bebidas. Corriam com armas nas mãos pelas ruas. Não as crianças que estão conosco, mas sim parentes, vizinhos ou amigos, ao qual com certeza se não fosse esse trabalho social que o Instituto Lenon vem realizando, seriam os próximos vândalos. Ao invés de usar uma arma, usa-se um instrumento musical ou um livro para ler, até uma viagem.

Isso nos enche de alegria, de saber que logo na frente essas crianças e jovens serão adultos e terão uma vida tranquila, talvez administrando o Instituto Lenon. Por termos muito carinho por essas crianças é que nunca deixaremos de continuar esta jornada, esta missão que a nós foi deixada, que o Jovem Lenon Joel Backs que viveu somente dezesseis anos, não foi em vão, e hoje é a razão de tudo



isso que está acontecendo em seu nome, está ajudando muitas famílias. Esse jovem tão querido, com certeza, está muito contente com o trabalho social feito aqui na terra, em memória de seu nome, ao Presidente do Instituto, Noli Claudemir Backs, pai do Lenon que com muita coragem em meio aquele sofrimento da perda do seu filho, teve forças, transformou sua dor em amor. **Backs perdeu seu filho, mas ganhou mais de duzentas crianças** que, com certeza, gostam muito dele e de sua esposa Senaile, parabéns a esse casal guerreiro e de coração grande e bondoso pela sua iniciativa de, junto com seus amigos, encarar este desafio.

O Instituto Lenon agradece a todos os colaboradores, à FLD que é nossa parceira. **Nós acreditamos que: sempre lutaremos pelo bem, pela paz e pelo amor ao próximo.**

Instituto Lenon Joel Pela Paz , fundado em 08/11/2006



Instituição de Educação Infantil e Assistência Social

# Bom Samaritano

A Instituição de Educação Infantil e Assistência Social Bom Samaritano foi fundada pela Comunidade Evangélica de Porto Alegre, em 1981, na cidade de Viamão. Iniciou os trabalhos atendendo 45 crianças, entre zero e seis anos de idade, moradoras da Vila Monte Alegre e comunidades vizinhas. Com o passar dos anos, as necessidades e a demanda da região foram aumentando e a capacidade de atendimento foi ampliada para 198 vagas, com alunos de zero à 18 anos. Hoje são atendidas, diariamente, 108 crianças na Educação Infantil; 50 crianças e adolescentes no Serviço de Apoio Sócio Educativo (SASE) e; 40 adolescentes no Programa Projovem Adolescente.

Ao longo dos anos a integração da família no atendimento tornou-se prioridade como forma de qualificar sua relação com as crianças e adolescentes, promovendo condições de melhoria sócio-econômicas. Diversas atividades são oferecidas as famílias, tais como: projetos de geração de trabalho e renda, planejamento familiar, momentos de lazer, encontros reflexivos e palestras.

Em seus trabalhos diários, a **Bom Samaritano busca articulação com os órgãos de Assistência Social e de Proteção à Criança e ao Adolescente**, fortalecendo a rede de atendimento composta pelo Conselho Tutelar, escolas, postos de saúde, além do Centro Regional de Assistência Social. Como garantia de sustentabilidade a instituição conta com o apoio da sua mantenedora, a Comunidade Evangélica de Porto Alegre, de parceiros como a Kindernothilfe, Prefeitura Municipal de Viamão, Hospital Moinhos de Vento, SESC, Fundação Luterana de Diaconia, da adesão de pessoas voluntárias e outras ONGs locais. Além disso, recebe a contribuição dos



próprios pais e demais pessoas que se identificam com a proposta de trabalho oferecida.

A longa caminhada, em conjunto com colaboradores e comunidade, capacitou a percepção das necessidades locais, sendo assim, além do trabalho com crianças e suas famílias, desde 2007 a Bom Samaritano vem investindo no trabalho com jovens, como forma de melhorar e transformar a realidade local, apresentando novos caminhos que propiciem uma vida mais digna e inclusiva socialmente.

Para o desenvolvimento desse trabalho já tivemos parcerias com o Criança Esperança, SESI e Instituto Elisabetha Randon, através da Rede de Parceria Social, e agora em 2010 está recebendo o apoio da Fundação Luterana de Diaconia. A parceria com a FLD já tem uma caminhada relacionada a projetos de geração de trabalho e renda com as famílias dos alunos da Bom Samaritano.

O trabalho com jovens iniciou a partir de uma profunda análise da realidade local das crianças e adolescentes realizada durante o desenvolvimento do planejamento estratégico organizacional da Bom Samaritano, no período 2006/2009. Naquele momento, constatou-se que alguns adolescentes, que frequentaram a instituição até completarem 12 anos, após o desligamento, foram vítimas das drogas, de violência e DST's/AIDS.

Com objetivo de superar essa situação, a Bom Samaritano se viu desafiada a investir na conscientização e prevenção do público jovem. Esse trabalho começou a ser desenvolvido com adolescentes, de 13 à 18 anos, em um processo de construção do protagonismo juvenil. Para isso, era necessário que os participantes tivessem acesso a várias atividades, que complementassem o que estavam aprendendo nas escolas, em suas famílias e nos grupos sociais que estavam inseridos.

Em posse de todas estas informações, surgiu a proposta de oferecer diferentes oficinas que agregassem mais informações e ampliassem a sua capacidade de percepção da realidade, auxiliando na construção de cidadãos, agentes de mudança e transformação. Dessa forma, surgiu a proposta de um projeto que abarcasse oficinas como teatro, informática, capoeira, cidadania e liderança, além de informações básicas para a inserção no mundo do trabalho (vacinação, habilidades, entrevistas e processo seletivo). Os temas relacionados a violência doméstica e sexual, AIDS/ DST's, paternidade e maternidade responsáveis, além de outros



temas próprios da adolescência são tratados como temas transversais às oficinas.

Já estamos na quarta edição desse projeto, sendo que a cada ano algumas mudanças são realizadas. Já temos observado mudanças significativas na vida destes jovens que começaram a construir posturas, diálogos e formas de ser menos violentas e mais conscientes. Abaixo trazemos alguns relatos de jovens e familiares que já fizeram parte desse projeto ao longo destes quatro anos.

### ***Conversar é a melhor saída***

Gabriela Rodrigues Goulart tem 16 anos e está cursando o Ensino Médio. Em 2007, ela participou do projeto. O que motivou Gabriela a participar foi o interesse em aprender coisas novas e saber cada vez mais. De acordo com Gabriela, “na oficina sobre violência, aprendemos coisas que não podemos fazer, como agredir ou brigar com os outros. **Devemos tentar resolver os problemas conversando.** Muitas vezes as coisas não são como nos parecem ser. Já no teatro nós trabalhamos muito em grupo. Antes eu gostava de fazer tudo sozinha, agora eu sei que tenho que aprender a trabalhar em grupo, com todos e isso é bem legal. Na oficina de Adolescência, conversamos bastante sobre gravidez na adolescência. Sobre o primeiro emprego, aprendemos como nos comportar numa entrevista de emprego, como devemos nos vestir, falar... Na informática, aprendemos a usar as ferramentas do computador.” Desde que a adolescente teve esta experiência, os conflitos com familiares e pessoas próximas diminuíram consideravelmente. Ela acredita que é muito importante mais jovens participarem desse projeto, e complementa “pois assim, eles aprenderão que cuidar de filho não é uma tarefa fácil, que as drogas não são boas e que a violência também não leva a nada”.

### ***Antes de tudo, devemos conhecer nosso próprio eu***

Aos 14 anos de idade, Karolyna Caruccio, já tem consciência da necessidade de se relacionar melhor e ser mais amiga dos seus colegas. Assim como Gabriela, ela fez parte do projeto Protagonismo Juvenil. A sua participação ocorreu porque ela acreditou que iria ajudá-la bastante na sua preparação para um futuro melhor.

A ideia de desistir nunca passou pela sua cabeça. Participando das oficinas Karolyna descobriu *“muitas informações que não sabíamos que estavam em nós mesmos. Com o projeto passamos a interagir com os colegas e a nos conhecer”*, afirmou a adolescente.

### ***Mudanças percebidas***

Com o intuito de aprender mais e não ficar só em casa ou na rua, Samuel Felipe Ruibasciki aproveitou a oportunidade, *“agora eu sei o que acontece se eu experimentar alguma droga e o que ele faz de mal. Também aprendi como me prevenir das DST’s e da AIDS. Além disso, me falaram da importância de eu saber com o que eu quero trabalhar no futuro. Se eu não tivesse feito o curso eu acho que nunca saberia essas informações, pois em casa e na escola, nem sempre se fala desses assuntos.”*

Mas não foi só o Samuel que percebeu que havia mudado. A sua mãe, Maria dos Navegantes Machado Ruibasciki, percebeu que o filho havia feito avanços significativos na forma de se expressar. Por isso, ela achou muito importante a participação do filho.

Maria acrescenta, *“Eu ficava tranquila, pois ele estava com alguma ocupação. Eu consegui sentir um pouquinho o que estava acontecendo com ele. Eu vi essa mudança. Eu realmente achava que o Samuel tinha um grande potencial, é um menino inteligente, mas que não se expressava. Então ele ficou mais desinibido, está conversando mais, é mais ousado, tem coragem de fazer as coisas. Eu acho que o teatro foi algo que ajudou muito. Em outra oficina, eu vi ele produzindo material e pesquisando sobre violência doméstica. É necessário tocar nesse assunto, porque a gente convive com isso. Ele começou a apontar alguns erros que cometíamos aqui em casa. A própria questão das doenças sexualmente transmissíveis, porque, às vezes, a gente acha que uma camisinha para o jovem resolve, mas não é só isso, tem que ter valor e princípios. Na nossa casa a gente não conversa muito sobre isso. Então esse espaço que vocês criaram é muito bom, pois envolve os pais, de alguma maneira incentivava que os jovens falem sobre isso em casa. Às vezes temos um bloqueio tão grande que não falamos e não é porque não queremos, é porque faltou lá atrás. **Geralmente é mais fácil falar fora de casa do que dentro de casa.** Os temas que vocês trazem vão formando caráter nesses jovens.”*

# CECA

O Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria – CECA foi criado em 1973, em meio ao período da ditadura militar como um espaço de articulação e resistência ao regime e de formação, apoio e animação dos movimentos populares e eclesiais que se contrapunham à ditadura e suas práticas. É preciso ter presente que nas décadas de 60 e 70 diversos países latino-americanos sofreram golpes de estado, impetrando ditaduras militares ignorando a democracia e violando os Direitos Humanos. Com isto, diversos movimentos populares revolucionários e de resistência ao regime da época se organizaram indicando caminhos alternativos ao proposto pelas ditaduras.

Ao longo dos 37 anos de caminhada, o CECA tem se mantido atualizado frente aos desafios impostos pela globalização que insiste em homogeneizar a sociedade ignorando necessidades de grupos, desvalorizando identidades, massificando culturas que, desarticuladas, encontram dificuldades de resistir ao processo de degradação social, aprofundando as desigualdades. A esta complexidade alia-se os desafios econômicos impostos às organizações não-governamentais e o forte processo de marginalização a que são submetidas.

Atualmente o CECA, considerando suas linhas de atuação 'formação e assessoria' e 'articulação', pauta em suas ações a capacitação de pessoas para a promoção de uma transformação social capaz de construir uma sociedade democrática, justa e participativa, numa perspectiva ecumênica.

Ao longo de sua trajetória, visando atender as demandas





postas, o CECA vem implementando novas áreas de atuação além do Ecumenismo. Gênero e Direitos Humanos são mais recentes. E, vislumbrando o horizonte, Direitos Humanos que até o atual Trienal perpassava as ações de Ecumenismo e Gênero passa a ganhar mais visibilidade a partir do novo Trienal que se inaugura a partir de 2011, ampliando suas dimensões. A dinâmica trajetória do CECA possibilita um processo crítico-constructivo, o que também garante o fortalecimento da Gestão Colegiada começado em 2008. O atual modelo de gestão colegiada vem se solidificando e aprimorando a cada ano, num contínuo exercício de partilha de responsabilidades e de poder. Este modelo de gestão oportuniza um fortalecimento dos laços entre os integrantes da equipe, pois todos são fundamentais para o cumprimento global da missão institucional e promove uma democratização das decisões. Este exercício é possível porque há um compromisso assumido pelo Conselho Diretor e a equipe, que se reúnem mensalmente para diversos encaminhamentos como revisão do planejamento e avaliação de todo o andamento do CECA. Com isto garante-se agilidade no fluxo de informações e na tomada de decisões fortalecendo os vínculos de confiança que se estabelecem no exercício contínuo garantindo transparência nas ações e das relações.

do CECA. Ela está alicerçada na convicção de que Deus se identifica com todas as pessoas, transcende a história e a interpela, em meio a todas as suas contradições e construções culturais. E esta fé nos leva a uma ação concreta na vida e na história, uma fé para a “oikoumene” (mundo, sociedade), em defesa da vida.

O trabalho do CECA é com e para o povo de Deus, com ‘gentes’ de todas as idades, integrando pessoas de várias denominações, estimulando e intermediando o diálogo ecumênico e inter-religioso, organizando espaços que contribuam para superar preconceitos e despertando o interesse pela fé do outro e da outra.

Valores da sociedade atual como agressividade, competitividade e dominação são confrontados com paradigmas como os da cooperação, solidariedade e dialogicidade, desafiando mulheres e homens – adultos e jovens – a construir novas relações e por conseguinte, uma nova sociedade. Por este motivo também o CECA vem atendendo o chamado de promover um trabalho junto às juventudes a partir das suas áreas de atuação. Este exercício possibilita testemunhar o compromisso com a transformação do mundo, onde todos os sujeitos são fundamentais. Cada atividade realizada visa promover com uma metodologia própria o empoderamento e o protagonismo das pessoas, desenvolvendo o senso de co-responsabilidade.

### **Juntos vamos mais longe**

O CECA em diversas ações realizadas conta com o apoio de diversos parceiros, promovendo um trabalho de cooperação e em rede. O apoio da FLD é de longa data e o mesmo não se resume apenas ao financeiro, mas também, ao ambiente de diálogo e cooperação estabelecidos ao longo dos anos que permite uma troca de saberes e experiências. Até o presente podemos destacar o apoio recebido especialmente nas áreas do Ecumenismo em edições do Curso Ecumênico de Pastoral Popular/CEPP, Seminário nacional de Teologia da Libertação e Educação Popular e, mais recentemente, na Jornada Ecumênica – Região Sul. Na área de Gênero podemos relacionar o apoio em diversas edições do Curso de Promotoras Legais Populares/PLP’s, e demandas criadas a partir deste trabalho, como a produção dos guias de Direitos da Mulher e das Empregadas Domésticas. No momento desenvolvemos o projeto Juventude Tramando Contra a Violência.

### **Sujeitos agentes: juventudes**

O CECA em sua caminhada desenvolveu programas voltados para a juventude. Considerando suas três áreas de atuação, nos últimos três anos buscou fortalecer o atendimento as juventudes considerando as demandas que chegam.

Era e é crescente a participação deste grupo em atividades que em tempos idos reuniam pessoas com uma caminhada maior. Hoje há uma sede por formação de agentes novos que buscam formação para qualificar suas práticas de formação promovidas pelo CECA. O ano de 2007 foi decisivo quando ouvimos de juventudes presentes no 8º CEPP o pedido por este acompanhamento. Em resposta, além de assessorias pontuais, desenvolvemos na área Ecumênica algumas ações, como o Curso de Aprofundamento em Ecumenismo para a Juventude. Esta atividade oportuniza uma espiritualidade e vivência ecumênica, trazendo uma metodologia envolvente e direcionada ao público e suas necessidades, pois as temáticas aprofundadas são postas pelas próprias juventudes. Outra ação revela-se ao apoio e parceria a REJU/Sul – Rede Ecumênica da Juventude - Sul, criada ao longo da Jornada Ecumênica da Região Sul, em 2008. Esta Rede visa a promoção dos Direitos Juvenis . Na área de Gênero desenvolvemos o Juventude Tramando contra a Violência de Gênero, que tem como objetivo contribuir para a prevenção e a redução da violência de gênero, refletindo com a juventude a necessidade e a possibilidade de se estabelecer novas relações pautadas no diálogo e no respeito mútuo. Através deste projeto conseguimos refletir com as juventudes a necessidade de mudar as relações de gênero considerando seu próprio contexto, proporcionando um maior esclarecimento às pessoas jovens (masculino e feminino) sobre violência de gênero, esclarecendo e prevenindo as diversas formas de violência de gênero. Também vem despertando pessoas jovens para uma nova cultura de relacionamento entre as pessoas baseado nos princípios do respeito, auto-estima e valorização do ser humano, empoderando-os para que reconheçam as situações de violência de gênero e as denunciem.

O CECA, busca desenvolver sua missão em um contexto onde discursos escondem a negação da realidade ainda com muitos grupos com uma fortíssima vulnerabilidade social, a exemplo da juventude. Cabe ouvir e atender este chamado criando espaços de empoderamento auxiliando-os neste protagonismo cidadão que provoca a um olhar 'desacomodador' crítico-construtivo capaz de promover mudanças reais.

Kuntya letter

[WWW.FLD.COM.BR](http://WWW.FLD.COM.BR)



**FLD**  
FUNDAÇÃO LITERANA DE DIACONIA

*Diáconia*

# PROTAGONISMO? QUE HISTÓRIA É ESSA?

Desde algum tempo protagonismo tem feito parte do cotidiano social brasileiro. É uma idéia-ação que habita discursos orais e escritos, que preenche práticas de inúmeros educadores e educadoras, que define a identidade de centenas de milhares de pessoas, sobretudo, jovens. Poucas, entretanto, são as iniciativas de sistematização das experiências de protagonismo de pessoas, grupos e organizações.

Protagonismo, no contexto brasileiro, é muito mais do que um conceito: trata-se de uma condição. Tem a ver com o jeito com que meninos e meninas, homens e mulheres colocam-se no mundo, na relação com o outro, com o coletivo. Uma das definições origina-se da idéia grega do protagonista enquanto um primeiro lutador, ou seja, envolve um sujeito que não só identifica, mas que luta e busca conquistar a realização de seus propósitos. Outra definição aponta para a idéia de protagonista enquanto ator principal, que atua e se relaciona com a própria história.

Neste sentido, ser protagonista representa o sujeito que se coloca no mundo por inteiro. Tem a ver com a necessária ruptura da visão míope e conservadora de parte da sociedade, que insiste em manter os jovens confinados ao julgamento de seus comportamentos irreverentes, aos estereótipos alimentados pela mídia e a insensata busca pela normalização de seus corpos e suas ações. O protagonismo dá permissão aos sujeitos de assumirem a condição de senhores e senhoras de suas vidas, atuantes na produção das histórias coletivas.

No contexto brasileiro, protagonismo dialoga com educação popular, com transformação, com outras possi-

bilidades de ser e estar no mundo. No momento em que os sujeitos, independentemente de sua idade ou identidade, pessoal ou institucional, identificam as trajetórias que produzem a sua história, de sua comunidade, cidade e nação, novas possibilidades vão se delineando. O processo de descoberta de verdades dá espaço para que o novo e o diferente se instalem.

Protagonismo tem a ver, portanto, com reconhecimento e conhecimento. Reconhecimento de si enquanto sujeito histórico e conhecimento das histórias de vida e de mundo. É a partir do binômio reconhecimento-conhecimento que o protagonista passa a surgir. Nesse contexto, a educação popular exerce um papel fundamental, como uma proposta que se sustenta no diálogo e no desvelamento dos contextos que atravessam os sujeitos, desencadeando mudanças. Na medida em que pode ser apontado como resultado que deriva das práticas de educação popular, protagonismo é também princípio constitutivo. Acontece com o indivíduo, ao mesmo tempo em que vai integrando e incidindo sobre o coletivo.

Este processo, por sua vez, incorre em outro – o de empoderamento. Segundo uma das definições atuais, empoderamento é um termo utilizado para designar uma sucessão sistemática de mudanças que resulta no fortalecimento da autoconfiança dos grupos populacionais desfavorecidos, capacitando-os para a articulação de seus interesses e para a participação na comunidade e facilitando o acesso aos recursos disponíveis e o controle sobre estes, a fim de que possam levar uma vida autoderminada e autorresponsável e participar no processo político.

Estabelece-se uma retroalimentação: educação popular, protagonismo – individual e coletivo – e empoderamento. Um incide sobre outro e é também por ele incidido. De forma alguma se trata de um movimento linear crescente. São muitas as idas e vindas, subidas e descidas, perdas e ganhos, mas em todas elas os sujeitos e os grupos saem fortalecidos porque está sempre em jogo a ampliação da participação, da ação, da busca pelo bem viver comum.

Um movimento assim tem suas exigências. Nele cabe, por exemplo, a formação, a gestão, o planejamento, a ação social, a sistematização. Uma pergunta chave tem a ver com a formação dos educadores, sobre quem forma os educadores, sobretudo, populares. Tal questão é colocada não só para os grupos, que são as instituições de atuação

direta, mas também para as organizações de apoio, para as instituições de formação. Ela é fundamental para o necessário debate sobre a formação superior dos educadores sociais que, historicamente, têm atuado de forma protagonista.

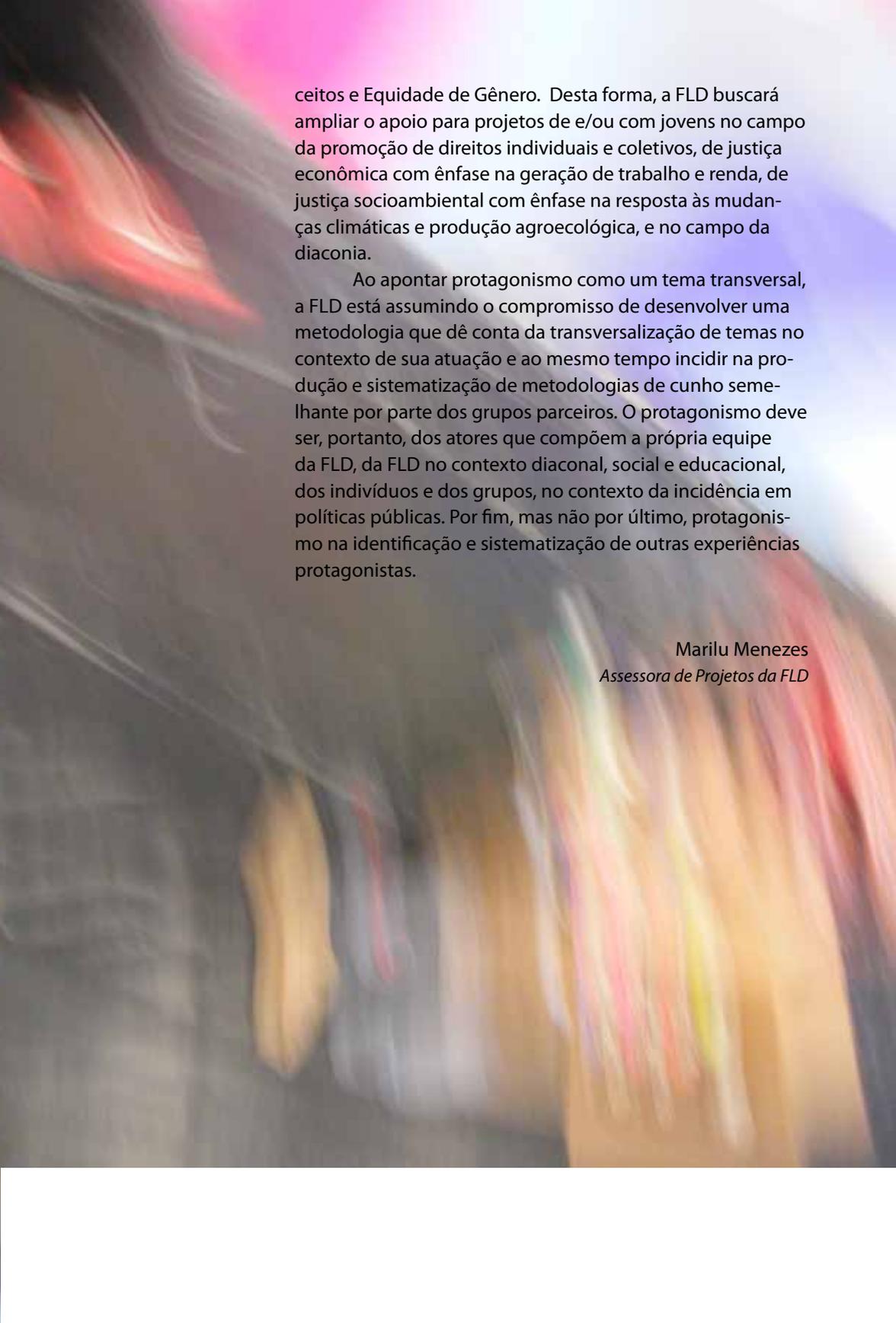
As questões de formação incidem também muito diretamente sobre as práticas de sistematização. Inúmeras experiências têm se diluído no espaço-tempo diante do fraco exercício de registro e análise. Sistematização tem relação direta com as práticas formativas presentes na educação básica e superior que em geral não tem conseguido desenvolver uma formação qualificada para a produção da reflexão escrita.

Na atualidade, protagonismo ainda está intimamente relacionado a projetos sociais e, assim, diretamente relacionado com as questões de planejamento e gestão. Entretanto, é chegado o momento da ideia-força do protagonismo aportar também no contexto escolar. É imperativo pensarmos nas possíveis e necessárias costuras entre escola e projetos sociais. Estando o Brasil em processo de desenvolvimento há que se cuidar dos sujeitos para que seja fortalecida uma educação que promova o cuidado de si, do outro e do mundo. Uma educação para a solidariedade só vai acontecer a partir de um diálogo entre o social e o educacional.

No contexto da FLD, protagonismo é parte integrante de sua missão. No presente projeto, chamado Publicação Juventudes, realizado em parceria com grupos apoiados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro e com a FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional, protagonismo foi apontado como um dos quatro eixos de sustentação para a elaboração do livro, junto com os temas mudança, redes e incidência em políticas públicas. Da mesma forma aconteceu com o vídeo Histórias de Protagonismo Juvenil, que integra o projeto e está vinculado à publicação, quando o grupo responsável pelo roteiro identificou protagonismo como tema gerador profundamente relacionado com mudança e, sobretudo, com transformação.

A contribuição da FLD para o protagonismo juvenil nestes últimos anos esteve centrada no apoio a projetos de e/ou com jovens, dentro da área temática até então definida como Educação Popular, em especial de iniciativas de democratização da cultura e da comunicação.

A partir de 2011, dentro de um novo Plano Trienal, Protagonismo vai compor uma das três áreas transversais da FLD, juntamente com Superação de Violências e de Precon-



ceitos e Equidade de Gênero. Desta forma, a FLD buscará ampliar o apoio para projetos de e/ou com jovens no campo da promoção de direitos individuais e coletivos, de justiça econômica com ênfase na geração de trabalho e renda, de justiça socioambiental com ênfase na resposta às mudanças climáticas e produção agroecológica, e no campo da diaconia.

Ao apontar protagonismo como um tema transversal, a FLD está assumindo o compromisso de desenvolver uma metodologia que dê conta da transversalização de temas no contexto de sua atuação e ao mesmo tempo incidir na produção e sistematização de metodologias de cunho semelhante por parte dos grupos parceiros. O protagonismo deve ser, portanto, dos atores que compõem a própria equipe da FLD, da FLD no contexto diaconal, social e educacional, dos indivíduos e dos grupos, no contexto da incidência em políticas públicas. Por fim, mas não por último, protagonismo na identificação e sistematização de outras experiências protagonistas.

Marilu Menezes  
*Assessora de Projetos da FLD*

# Uma experiência de apoio e acompanhamento de grupos e projetos

## 1 - Premissas

O SAAP/FASE - Serviço de Análise e Assessoria a Projetos Setor da FASE é responsável pela gestão de fundos de apoio a projetos. O programa, mesmo sendo da FASE, não está restrito nem a ação programática da instituição e nem aos territórios onde a mesma atua, embora se oriente pelos mesmos valores e cumpra a mesma missão.

O SAAP foi criado em 1985, como mecanismos de apoio e assessoria a grupos populares na procura de recursos para suas atividades. Nesta caminhada já apoiou mais de 3.500 projetos, o que explica tanto a sua capilaridade como reconhecimento, o que o torna hoje efetivamente de domínio público do meio popular.

O SAAP acredita que vale o investimento nas centenas de novos grupos surgidos nos últimos anos, como: os centros comunitários, associações comunitárias, grupos culturais, pequenas ONGs com ações localizadas; pois estes cumprem importante papel na mudança de valores, na mobilização local e na solução de pequenos problemas que viabilizaram melhoria nas condições de vida de grupos e comunidades que ajudam a construir uma nova cultura democrática. Estes grupos, ainda que pequenos e muito localizados, na maioria das vezes, encontram formas de articulação que os tornam atores de transformação reconhecidos frente à sociedade, a partir da superação dos limites que lhes são impostos. Investir e acreditar na capacidade destes grupos se desenvolverem, de reagirem frente às adversidades, de continuarem a se projetar no futuro, mesmo na presença de

acontecimentos desestabilizadores e de condições de vidas difíceis, é nosso papel e a possível alternativa para a superação de limites.

O que temos presenciado e comprovado ao longo de nossa trajetória, atendendo e apoiando a demanda dos grupos populares, é a capacidade de resiliência destes grupos, principalmente daqueles cujos direitos são mais violentamente violados.

A evolução dos fundos de apoio em geral é evidente. Sua importância como mecanismo de cooperação e como suporte às iniciativas populares é concretamente comprovada no dia a dia. Entretanto, isto só foi possível pela capacidade dos fundos se renovarem e se adaptarem para se manter em constante sintonia com o público que atende.

Portanto, o SAAP tem hoje uma metodologia de trabalho que se renovou ao longo de sua existência. Seu eterno desafio é manter a sintonia com os grupos populares, sejam eles de jovens, de mulheres, de sem-tetos, habitantes de periferias, entre outros; e acompanhar constantemente os conflitos socioambientais nos diversos territórios do país, que comprometem os meios de vida e violam os direitos das populações locais. Acredita que há um grande desafio a ser perseguido e para o qual quer contribuir, que é a ampliação das capacidades locais de resolução dos problemas pela via democrática e participativa. Nesta direção, deve-se apostar nas iniciativas dos grupos que surgem com a mesma preocupação.

## **2- Apostando nas juventudes**

Apostar na juventude é antes de tudo compreendê-la como “as juventudes”, plural e complexa. Apostar na juventude e em seu protagonismo é ouvir o que dizem de forma organizada; é entender as diferentes formas como estão abordando e tratando de seus problemas; é respeitar e entender as suas diferentes linguagens e formas de ação e expressão que são processadas dentro de uma sociedade marcada por agudas desigualdades e violações de direitos.

### ***O que dizem os jovens?***

Os movimentos apontam o alto índice de violência contra os jovens como questão prioritária a ser enfrentada. No final de 2008, o movimento negro denunciou o alto índice de mortalidade dos jovens negros, o que denominou de extermínio ou genocídio da juventude negra, ilustrada principalmente pela truculência da polícia e atuação de grupos de extermínio. O Relatório Anual das Desigualdades Raciais (2007-2008) aponta que a maioria das vítimas de violência no país são jovens negros e demonstra a grande diferença que ainda permanece entre a taxa de mortalidade por homicídios entre jovens brancos e negros.

Em 2009, jovens das pastorais de juventude, depois do encontro nacional onde discutiram os problemas prioritários da juventude, definiram que é estratégico o combate à violência contra jovens: negros, pobres, mulheres e homossexuais.

Em junho de 2009, a V Reunião Especializada de Juventude dos países do Mercosul, define trabalho decente da juventude como pauta prioritária para estes

países. Estes jovens apontaram também a necessidade de intensificar o vínculo entre os países do Mercosul, com destaque para as políticas públicas de juventude; a promoção de espaços que garantam a participação dos jovens em suas diversas manifestações; a reivindicação do direito à saúde pública e de qualidade para os jovens; a universalização do ensino público, gratuito e de qualidade (divulgado pelo Conselho Nacional da Juventude em 2009).

Entretanto, os campos de ação e atuação “das juventudes” são mais diversificados, como: arte e cultura, meio ambiente, mídia e comunicação, saúde reprodutiva, GLBS e orientação sexual.

### **3- Qual o papel de um fundo, frente ao que diz e faz a juventude?**

Nosso papel é contribuir para que as organizações de jovens se fortaleçam e, cada vez mais, ampliem a sua capacidade de agir e gerar transformações, sem descaracterizá-las e nem tampouco mudar a motivação inicial de sua existência, apenas somando para que atinjam outro patamar de relações e articulações.

Mesmo a partir de nossa ótica de gestores do fundo, não nos parece possível falar em fortalecimento dos grupos a partir apenas de pequenos apoios financeiros. Nosso investimento tem sido tentar garantir, junto com estes, outros recursos como: acesso e aquisição de novos conhecimentos e informações; suporte para organização interna e oportunidades para construção de relações de força e de novas alianças.

Para isto, entretanto, não podemos negar ou confundir o nosso lugar de apoiadores, gestores de fundo, cuja relação com os beneficiários se dá de forma pontual e marcada pela necessidade generalizada de acesso a recursos. Outro aspecto que não se pode perder de vista é que a forma de travar este relacionamento com os grupos deve lhes servir como experiência para a captação de recursos a partir de outras fontes.

Então, como e com o que efetivamente podemos contribuir de forma mais efetiva, sem ocupar o lugar de sujeito político daqueles que apoiamos? Como fortalecer, contribuir para o crescimento sem moldar e ou hegemonizar os grupos? Estas são as perguntas que nortearam o nosso método de apoio e acompanhamento de um de nossos programas.

### **4- Fundo de Apoio Estratégico - Juventude e Direitos**

O Fundo de apoio Estratégico FAE se constitui e consolida-se como um fundo de fomento, uma modalidade distinta de apoio, especificamente voltada para grupos de mulheres e jovens. Visa o fortalecimento institucional destes e a densidade de sua intervenção construindo um campo de diálogo de grupos populares de mesmo perfil sobre os problemas sociais e organizacionais que enfrentam em seus territórios. Desenvolve-se a partir de territórios específicos, de forma cíclica e temporal, e da ação integrada com outros setores da FASE.

Para tanto, garante em seu desenvolvimento a democracia do acesso aos recursos, o acompanhamento aos grupos por tempo limitado e o espaço de troca de experiência e de articulação entre os beneficiados, tendo como perspectiva ampliar a cultura de direitos.

### ***1ª Etapa- Garantindo a democracia ao acesso dos recursos:***

Iniciamos a experiência deste programa específico, definindo previa e anualmente dois territórios e, neles lançamos em diferentes períodos um edital específico voltado para grupos de jovens já constituídos e com alguma experiência. A divulgação é feita entre os grupos do território cadastrados no banco de dados do próprio SAAP, através dos Programas Regionais da FASE e de outras ONGs que trabalham com juventudes e que atuam na mesma região.

Consideramos que outro elemento importante para garantir a democracia de acesso a recursos através de editais é o nível da informação para a participação. Portanto, garantimos a todos os inscritos, em cada território, um momento prévio que chamamos de “sensibilização e nivelamento de informações para a participação no edital”. Atividade considerada como a primeira etapa do processo de acompanhamento.

Esta etapa é desenvolvida em dois momentos: o primeiro, integra oficinas preparatórias sobre exigibilidade de direitos, elaboração de projetos e esclarecimentos sobre critérios e outros aspectos do edital; o segundo, que se dá logo após a seleção dos projetos aprovados, é uma oficina de divulgação de resultados onde os aspectos da análise dos projetos que justificam a aprovação de uns e a não aprovação de outros são pedagogicamente trabalhados com todos.

Destacamos que é constituído um comitê de avaliação das propostas em cada território, que além da equipe técnica do SAAP, é composto por um técnico de direitos humanos e um técnico de programa regional. A análise dos projetos é orientada pelo já exposto nos itens de 1 a 3 deste artigo e por critérios pré-estabelecidos e divulgados.

Esta etapa, além de garantir a transparência do processo de seleção, é considerada também como formativa para os grupos.

## ***2ª Etapa- Acompanhamento do processo:***

Esta etapa se desenvolve em três momentos, ao longo de um ano, com encontros que reúnem os grupos apoiados. Nestes encontros, além dos grupos socializarem o estágio de desenvolvimento de seus projetos, abordando principais problemas e aprendizados na execução dos projetos são também momentos de reflexão e aprofundamento sobre violação de direitos e mecanismos de exigibilidade. Ao final deste processo, construímos com os grupos, um cenário de violação dos direitos e principais entraves no acesso aos mecanismos de exigibilidade identificados durante o período.

Vale ressaltar, que este processo presencial não exige os grupos de elaborar tanto o relatório de atividades como o financeiro do projeto apoiado. Na verdade estas são condições contratuais e estes documentos são também utilizados no acompanhamento individual dos grupos.

## ***3ª Etapa- Fortalecendo a articulação e ação coletiva***

Até o início desta etapa o ponto de referência foi a proposta individual de cada grupo, aquela que pelo fundo foi apoiada. Entretanto, o processo permitiu que estes grupos se conhecessem mais intimamente, trocassem experiências e, coletivamente, construísem análises e leituras de seu próprio contexto de forma mais abrangente.

A etapa atual é basicamente um desdobramento do vivido até aqui, onde os grupos, com base no cenário que construíram, elaboram três novos projetos que venham a incidir neste contexto. A grande diferença e desafio é que as propostas são construídas não mais tendo como referência o seu grupo individualmente, mas sim o meio e a articulação de vários grupos.

A construção das três novas propostas é iniciada em oficina específica e posteriormente refinada e aprimorada pelos próprios jovens que participaram do processo de forma articulada e em momentos autônomos. Finalmente, estas novas iniciativas são também apoiadas pelo fundo e seu processo de acompanhamento feito a partir da leitura e sistematização de dados dos relatórios específicos.

Chegamos até aqui, seguros dos limites desse texto. Do quanto ele é incapaz de abarcar ou expressar fidedignamente a riqueza de ações, trocas de experiências e tudo que entra no caudaloso rio da educação popular, onde estamos sempre imersos. Os limites amplificam, quando se aborda metodologias e o acompanhamento das práticas de mobilização do segmento juvenil. Um segmento social que traz consigo a marca do experimentalismo, da vontade de transcender a ordem.

Nossa metodologia de acompanhamento mostra e nos ensina o quanto grupos juvenis, a despeito de ceticismo político muito em voga, se mobilizam na luta por uma nova ordem - uma ordem social equânime, em que todos(as) possam desenvolver suas potencialidades individuais e coletivas; que garanta o exercício pleno da cidadania.

São jovens que buscam transformar a sua condição de vida, ao seu modo, com o auxílio de novos dispositivos materiais e a partir das percepções que têm do mundo.

Há quem diga e pense que essa movimentação juvenil, esse jeito de lutar por direitos, não deixa claro o alvo que almejam a longo prazo. Mas que nada, se o almejado, a longo prazo, não é clarificado, essa miríade de ações juvenis, servem para evidenciar, no mínimo, que a prática política, entre eles, passa por uma reconstrução. É exercida bem longe dos clássicos formatos organizativos.

E assim, jovens, na tentativa de superar suas dificuldades concretas, ajudam a compor a história de luta por direitos da sociedade brasileira.

Poder participar dessa história, contribuir para o rio ficar mais caudaloso, é uma grande satisfação. As iniciativas dos grupos juvenis, para além dos seus efeitos objetivos no cotidiano, na vida de cada um, ajudam-nos a nutrir e atualizar nossas práticas político-pedagógicas. Como os próprios falam: “num papo reto”, é um infindável processo de aprendizagem.

*Cleia Silveira \**

*Aércio de Oliveira \*\**

*(\*) Coordenadora do Setor de Análise e Assessoria a Projetos*

*(\*\*) Educador da FASE, acompanha as atividades e projetos realizados com jovens*

# *Construindo nossa história*

Pensar a escrita e suscitar nos jovens o desejo da escrita. Esse desafio me foi sugerido pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD), jornalista há quase quinze anos e, que admito, possuo os mesmos dilemas na hora de construir um texto: por onde devo começar?

O trabalho começou com a participação, enquanto observadora, da oficina onde a FLD chamou os grupos para participarem da construção deste livro. Rosina Duarte e Clarice Abrahão coordenaram os trabalhos. Nesse momento iniciou meu olhar sobre os grupos, tentando conhecê-los e constatar os diversos e diferentes olhares que iriam compor esta construção.

Para mim, a possibilidade de construção coletiva e de cada grupo contar sua história, que é singular e que não é contada por ninguém, era o fato motivador e de grande protagonismo desses jovens.

Esse universo maravilhoso, onde as histórias nos apaixonam, uma a uma, não poderia ser descrito senão pelos próprios autores.

Em março de 2010 fizemos a primeira Oficina de Textos, onde tentamos identificar o que queríamos, além da forma e o método de como iríamos construir o texto. Sabíamos das dificuldades, pois os olhares individuais precisariam fundir-se e representar o grupo. Precisávamos ousar.

Nossas ferramentas: a palavra, o pensar e a escrita conjunta. Construímos um texto coletivo com o grupo do Rio Grande do Sul, e, outro com o do Rio de Janeiro. Foram momentos muito ricos, de muita reflexão e aprendizagem.

Para que tivéssemos uma linearidade, montamos um esquema básico, um roteiro, para trilharmos nosso trabalho com maior objetividade, mesmo considerando que vários grupos

já possuem a comunicação como uma linha do trabalho. Mas necessitávamos democratizar o saber. Acreditamos que o exercício da escrita sempre deve vir estruturado em conjunto com o debate, a reflexão e o conhecimento do assunto abordado.

O importante era que os grupos se sentissem seguros para iniciar seus esquemas de textos, trabalhados em uma segunda oficina. Os textos previamente trabalhados foram pensados em conjunto para a montagem do texto final. Como no Rio de Janeiro só tivemos um único contato pessoal, nossa observação ficou um pouco mais restrita. Mas no Rio Grande do Sul, foi possível visualizar o empenho e a dedicação que cada grupo teve na construção de sua história. É perceptível o crescimento e o interesse em reescrever os textos. Trabalhamos sempre na linha de que só se consegue escrever sobre aquilo que se conhece ou que se quer obter. Sendo assim, contar as nossas histórias deveria ser algo leve e gostoso.

Nossa referência é Paulo Freire, que nos diz: quem ensina sempre aprende.

Fazer essa troca com os grupos reforçou a necessidade de estarmos sempre aprendendo com o outro e exercitando nossos conhecimentos. Essa orientação deveria ser uma constante, não só para a preparação desta publicação, mas para a nossa vida. É preciso que a escrita não se torne um bicho de sete cabeças e, sim, uma forma de canalizar a vontade de contar ao mundo como conseguimos fazer coisas tão belas e significativas, muitas vezes com tão poucos recursos. Poderia passar horas descrevendo os sentimentos e conhecimentos que adquiri nestes momentos, mas acredito que cada texto demonstra essa troca, deixando uma semente em cada grupo.



Realização



**FLD**  
FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA

A ideia motivadora foi mostrar e sistematizar experiências desenvolvidas por-jovens-com-jovens, preenchendo uma lacuna em termos de registros formais. Cada grupo mostra, através do seu olhar, como se dá atualmente o trabalho feito pelas juventudes na área de projetos sociais.

A parceria da FLD com a FASE permitiu ampliar o universo geográfico das experiências, resultando em uma interlocução de grupos do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro.